OHINE BO OF THE PROPERTY OF TH

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades Instituto de Letras

Vera Lucia Pian Ferreira

Três datas: entre nascer e morrer, O guardador de rebanhos

Vera Lucia Pian Ferreira

Três datas: entre nascer e morrer, O guardador de rebanhos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Alexandre Motta

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

	P475 Ferreira, Vera Lucia Pian. Três datas: entre nascer e morrer, O guardador de rebanhos / Vera Lucia Pian Ferreira. – 2014. 74 f.
	Orientador: Marcus Alexandre Motta. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.
	1. Pessoa, Fernando, 1888-1935 - Crítica e interpretação - Teses. 2. Pessoa, Fernando, 1888-1935. O guardador de rebanhos - Teses. 3. Pessoa, Fernando, 1888-1935 - Anônimos e pseudônimos - Teses. 4. Criação (Literária, artística, etc.) - Teses. 5. Poesia portuguesa - História e crítica - Teses. I. Motta, Marcus Alexandre. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.
	CDU 869.0-95
•	as para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta de que citada a fonte
uisseitação des	sue que citada à totte

Data

Assinatura

Vera Lucia Pian Ferreira

Três datas: entre nascer e morrer, O guardador de rebanhos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Aprovada em 2	27 de março de 2014.
Banca Examina	adora:
	Prof. Dr. Marcus Alexandre Motta (Orientador)
	Instituto de Letras – UERJ
	Prof ^a . Dra. Liliane Ruth Heynemann
	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
	Prof. Dra. Nadiá Paulo Ferreira
	Instituto de Letras - UERJ

DEDICATÓRIA

Sabendo que amor implica em dar espaço ao desejo do OUTRO, dedico a Laert, amor maduro que caminha junto com a minha liberdade de ser EU, no correr da vida que traçamos para NÓS.

AGRADECIMENTOS

A Marcos Alexandre Motta, que em sua crença inabalável no poder da escrita terminou por me oferecer um sonho impossível, pensamento sem travas, ficção que liberta de vez.

Ao amigo Thiago Ponce, que foi guia para os meus passos vacilantes em direção ao meu próprio desejo.

A Gloria Regina de Carvalho Amaral, mão junto à minha em todos os momentos deste percurso.

A Ricardo Freitas, pela atenção e cuidado na revisão do texto.

Aos meus familiares, professores e todos que estiveram comigo na aventura desta produção.

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia Não há nada mais simples. Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

Alberto Caeiro

RESUMO

FERREIRA, Vera Lucia Pian. *Três datas*: entre nascer e morrer, O guardador de rebanhos. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

O presente trabalho objetiva o exercício de criação em torno do dia 8 de março de 1914, dito como triunfal pelo poeta Fernando Pessoa, nos momentos que antecedem a escrita do poema *O guardador de rebanhos*, de autoria do heterônimo Alberto Caeiro. A partir de versos do poema intenta-se uma construção ficcional fincada em um estado onírico que é canal para os fluxos de criação, preparação para o que vai eclodir: um poema potente que emerge do mistério da heteronímia, renúncia do poeta à sua voz para dar lugar ao OUTRO que dele difere, porém dele surge, nele mora. Há no espaço ficcional a ideia de inscrever a data de 8 de março de 1914 como um terceiro marco na biografia do poeta que negou ter biografia, apenas nascimento e morte como limites entre os quais a vida correu como obra, como fazer poesia. A data que dá carne ao poema é ficção dentro da ficção, contraponto de guerra em meio à luz da poesia que nasce como tarefa heroica de enfrentamento diante dos perigos do mundo. O trabalho pretende chegar mais perto de uma verdade que só através da ficção pode ser tocada: sentir o fluxo de um dia no processo de criação do poeta, ser livre como ele, na ousadia de recriar o momento da escrita do poema em 1914.

Palavras-chave: Heteronímia. Ficção. Poesia. Guerra.

ABSTRACT

FERREIRA, Vera Lucia Pian. *Three dates*: between birth and death, The keeper of sheep. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014.

The present work aims the creation exercise around day March 8, 1914, told as triumphant day by the poet Fernando Pessoa, moments before the writing of the poem *The Keeper of Sheep*, authored by the heteronym Alberto Caeiro. From the verses of the poem a fictional construction is undertaken, stucked in a dream state, channel to the flows of creation, preparation for what will hatch: a powerful poem that emerges from the mystery of heteronomy, poet's resignation to his voice to give rise to the OTHER that differs from him, however arises from him, lives within him. There is in the fictional space the idea to inscribe the date of March 8, 1914 as a third milestone in the biography of the poet who denied to have biography, just birth and death as limits between which the life ran like work, like writing poetry. The date that gives flesh to the poem is fiction within the fiction, war counterpoint amid the light of poetry that emerges as heroic task of coping on the dangers of the world. The work aims to get closer to a truth that only through fiction can be played: feel the flow of a day in the creation process of the poet, to be free like him, in the daring to recreate the time of the poem writing in 1914.

Keywords: Heteronomy. Fiction. Poetry. War.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A MEDIDA DO EU	15
2	A MEDIDA DO OUTRO	36
	CONCLUSÃO	68
	REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

Ontogênese de um poema? Talvez. Uma reflexão sobre a luta de forças diversas presentes no momento que antecede a escrita de um poema? Mais aceitável. Visão do poema como tarefa, uma reescrita, um reinício a partir da reverberação das vozes do enigma na vida dos homens? Quase a questão.

O presente trabalho pretende uma vivência com o poema *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro, sob a perspectiva de uma questão aberta que privilegia o gesto poético que antecede a própria poesia e, principalmente, que ousa enfrentar a ficção de sua data, 8 de março de 1914, para penetrar na mais contundente de todas as ficções: a eclosão do fenômeno da heteronímia em Fernando Pessoa.

Na decisão de estar junto ao poeta no que foi, segundo suas próprias palavras¹, o dia triunfal de sua vida, o dia do enfrentamento de sua multiplicidade, não houve possibilidade de escolha: para estar com o poeta das sensações era preciso cunhar matéria de sonhos e ter a ousadia para cumprir o rito da escrita ficcional. Onde mais se poderia encontrar o poeta senão na ficção? Tal escolha implica em ser fiel ao que nos traz ao estudo de Literatura – a certeza de que a realidade que vale a pena ser vivida mora no terreno da ficção e nas suas infindáveis estradas sem contorno definido. Fernando Pessoa assim o sabia: "Eu considero a literatura como única verdadeira arte, e as outras artes todas como resultado de sensibilidades incompletas."²

Recriar o dia 8 de março de 1914 na vida do poeta é saber que há tantos manuais para a realidade, porém nenhum para a ficção; é saber que não há destino mais potente do que o daqueles que escolhem estarem nus diante da invenção, da criação que desafia a mergulhar no abismo do que, por não existir, é a única saída plausível.

O medo é visceral. Quantas vozes continuarão a perguntar sobre a finalidade, sobre o cabimento, sobre a coerência, sobre espaços delimitados e cronologias lineares? Quantas reverências ainda serão feitas ao tribunal da realidade, à utilidade imediata no mundo das ocupações e resultados? É preciso perder o medo, razão da presente escrita.

Não há como negar as dificuldades desse caminho na direção do contrassenso, do disparate, do inútil – vocativo que acolhemos na intenção confessada de abrir o estreito portão

-

¹ Ver carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro em: PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 96.

² Ibidem, p. 262.

para que resvale uma brecha de luz, tornando-nos dignos da ameaça a que nos submetemos: ler o poema antes da sua escrita.

O trabalho é, fundamentalmente, de escrita. Acompanhar o poeta nas suas mutações, no seu dia marcante que é invenção livre a nos conectar com ele, perceber os fios que teceram esse momento especial de criação no qual nascem o Mestre Alberto Caeiro, alteridade que revela o Outro como potência em Nós, e o seu poema *O guardador de rebanhos*, luminosidade no mundo de trevas em 1914.

Encarar o outramento pessoano e ocupar-se da gestação da poesia com data marcada são decisões tão difíceis quanto a insistência em subir montanhas pelo lado mais íngreme em busca de algo inexplicável como a paisagem nunca vista. Certo é que ocupar-se com a construção ficcional tem lá a sua razão inglória só percebida quando se descobre a escrita que mora em nós, abrindo um clarão na tela opaca do conhecimento aprendido e que se quer desprezar pelo simples apego às incertezas.

Dessa forma, escolher estar com o poeta no instante em que emerge a poesia do seu Mestre, o Outro nele mesmo, não é ato qualquer, é ato de coragem e rompimento, abandono do medo de que não haja uma explicação, um modo de fazer, um resultado esperado.

Assim, o propósito que nos move é o mesmo que rege os ditames da ficção: rejeição e afastamento radical da ideia de um biografismo positivista a reduzir a obra ao efeito de uma vida. No caso do poeta Pessoa, a vida é a sua obra e, portanto, pode ser dita pela força dos versos que só foram dele no instante da sua renúncia pelo Outro.

A data do poema é também a sua inscrição. Contraponto e existência real, o ano de 1914 é ressignificado pela tarefa da poesia apoética de Caeiro. Projeto de salvação para um mundo sem redenção. O silêncio do aniquilamento da data e a luminosidade da poesia que vai surgir: guerra e *O guardador de rebanhos* a dizer do mundo para além do mundo.

Estruturamos o trabalho em dois segmentos explícitos e um terceiro segmento que, implícito, declama o poema já escrito.

No primeiro segmento, denominado "A medida do eu", há a descrição do tempo e do espaço da narração: 8 de março de 1914, em Lisboa, no quarto do poeta, que espera o poema que vai surgir. Com o apoio de textos da tradição biográfica de Fernando Pessoa, há um recriar de sua vida, e imagens inaugurais cumprem a função de memória-sonho: a infância e o seu exílio em Durban (na África do Sul), a voz distante da mãe, a perda do pai, o acolhimento amoroso do amigo Mário de Sá-Carneiro. Estórias que assumimos o risco de já terem sido lidas e contadas, mas que, ao revivê-las, transformam-se em novos materiais a serviço do que queremos inventar. Toda essa torrente de experiências o poeta vive em paralelo ao desencanto

com a realidade no emblemático ano de 1914. Lembranças que dão sentido aos versos que se aproximam. Fracasso e tédio na vida, que precisa se desdobrar em Outro à procura do verso que não vem. A dor da renúncia de si mesmo em prol de uma Outra fala. O Outro como gesto artístico radical e intenso.

No segundo segmento, "A medida do outro", o dia caminha para um cenário do outramento que se adensa. Um vaivém de almas que perambulam no interior do poeta e que precipitam a sua decisão *de se matar para não morrer*. Potencializar a existência do Outro na defesa de uma identidade pagã, próxima de um ideário em que o criador se dissocia, se duplica, para produzir um alterego, que será seu Mestre a iluminar o mundo com o frescor de uma outra escrita que de sua mão se produz, mas que a ele não pertence. Os versos são, nesse momento, o despertar do seu sono, jogo de tensão entre o EU e a possibilidade de heteronímia, um fluxo lento de cessão de espaço de autoria, de saída do torpor da vida restrita ao pensamento para a vivência das sensações.

O poeta entende, aos 25 anos, que não possui biografia. Ele é apenas o corpo onde se abrigam inúmeras almas com a missão de uma escrita poética. Entre todas as almas brilha a do Mestre Caeiro, anunciador da inocência e guia do caminho para o retorno do homem à sua casa, morada da sua humanidade e da sua ligação com o mistério. Em 1914 os homens vão morrer para provar suas irrefutáveis teses. O poeta morre, mas para provar outra coisa: correr o risco de mediar uma nova possibilidade de estar no mundo. Seguindo fundamentação teórica de Lacoue-Labarthe³, há a proposta de enfatizar a poesia como tarefa de coragem. Abertura de combate pelos homens. Uma afirmação da poesia em sua qualidade arquiética e a responsabilidade do poeta como herói, que assume o confronto no auge do perigo do mundo e sob a ameaça letal de fulminação.

Ainda nesse segmento há o amparo nos trabalhos de Walter Benjamin⁴, quando atesta que a tarefa da poesia é sempre vida e que o moderno se situa no heroísmo da inexperiência, na imagem da criança cheia de luz que não reconhece os riscos e assim caminha. O moderno é inexperiente, é a afirmação do fracasso do conhecimento, negação da crença da data de 1914.

O desfecho do segmento aprofunda o tema referencial trazido pelo poeta Paul Celan em seu conhecido texto "O meridiano"⁵. O poema que está para surgir não nega a sua data:

-

³ LACOUE-LABARTHE, P. *A imitação dos modernos: ensaios sobre arte e filosofia*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

⁴ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁵ CELAN, Paul. Arte poética: o meridiano e outros textos. Lisboa: Cotovia, 1996.

"Todo poema tem data" e tal data lhe dá carne, o materializa no que ele é. A decifração do poema ainda não escrito é o mistério da data e o enigma do Outro.

A partir do trabalho do filósofo Lévinas⁷, o outramento é visto como direção para Outrem, para o vislumbre de um rosto humano que não espelhe a indiferença, e sim acolhimento. Em 1914 a visão do rosto pelos olhos do outro está eclipsada. A poesia que está para nascer nas mãos do Outro guarda a ética do contato. A divisão do EU do poeta é metáfora à procura do rosto do outro.

Toda a ficção do dia 8 de março de 1914 se encaminha para um encontro: *O* guardador de rebanhos, poesia luminosa a se libertar de si mesma e da sua autoria para chegar ao mundo e aos homens na tentativa de desaprender, desprender, desnudar – ser mestre que respira no ritmo da natureza e ter de admitir que não há nada a ser dito, só sentido.

A materialização dos versos d'*O guardador de rebanhos* já não é só palavras a lembrar a novidade no fazer poesia, é a produção de um devir-outro, explosão heteronímica que desencadeia o nascimento de tantos Outros. O poeta tem 25 anos e a ficção poética de um Fernando Pessoa ortônimo jamais será a mesma.

A ficção da ficção da data de 8 de março de 1914 é, talvez, a única forma de dar conta do deslocamento de ar e da absurda luz que inunda o mundo e a alma do poeta na sua improvável juventude de 25 anos. Rejeita-se, assim, as explicações, os conceitos, os roteiros, construções em forma de armadilhas que aprisionam e fazem sofrer. Há muito sofrimento na data de 1914.

Durante todo o ciclo de um dia, a invenção permitiu o vislumbre do poeta em seu desdobramento, vozes que se ampliam ao abdicar da indivisibilidade do EU, morada incerta e sem definição. A alteridade do poeta é sua entrega absoluta à ficção: uma questão tão inefável quanto ensimesmar com os nós que se projetam nas mãos para lembrar que há reentrâncias, protuberâncias a dar um outro rumo ao suposto prolongamento reto dos dedos.

O encaminhamento final do texto reivindicará um terceiro segmento implícito, a leitura luminosa do poema *O guardador de rebanhos*. Leitura que não se repetirá, pois estará sempre a aguardar uma outra leitura para continuar apontando o que pode ser sentido com uma nova intensidade, com nova cor e nuança, a cada momento. Isto é poesia, enigma que não se resolve.

Ressalta-se que perdendo o medo para o enfrentamento de desorganizações maiores, para ver surgir a multiplicidade de EUS, para perceber o desequilíbrio do engano do tempo,

⁶ Ibidem, p. 177.

⁷ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

para bebermos da vida inventada é que nos faz ser não o que quisermos ser, e sim o que realmente somos. E somos um livro que se autoescreve, permanentemente, em dias triunfais só percebidos quando perdemos o medo e abraçamos a Literatura – razão maior para a vida que escolhemos.

1 A MEDIDA DO EU

Lisboa, 1914. Tem 25 anos. Alguns dizem que é jovem, capaz e talentoso para grandes feitos na vida. Sabia que não era verdade. Nunca fora jovem. Criança, talvez. Sim, algum dia fora criança. Criança quieta, sem suor de grandes correrias. Criança crescida que viveu a perplexidade do exílio que lhe roubara o chão, os brinquedos, a paisagem doméstica, a língua conhecida. Lembra-se de um antigo papel de escrita vacilante e infantil solto no fundo da gaveta: "Crença e jardim me foram tomados. Minha infância, meu dia e noite confiscados. Levaram embora o bosque de minha infância."

O corpo deitado na cama fria em Lisboa é o que sabe de um outro que cedo vestiu seu fato preto e escovado e se pôs a caminho do trabalho, apesar de ser domingo. Talvez os dois saibam um do outro. Esbarrem-se durante o dia, em tempo baldio, em encontro de dobras, de declives, no esforço de que não se percam tanto a ponto de impedir suas sombras de se tocarem.

Quase nunca fala da infância e da adolescência em Durban.² Mas agora, deitado na cama, nesta manhã fria de março, Durban voltou. Talvez porque é 1914 e tem 25 anos. Talvez porque é março de 1914 e não é permitido a ninguém ter 25 anos. A certeza é de que Durban voltou. Apesar do silêncio, Durban nunca foi uma ocorrência menor.

Sente novamente a travessia do mar. A visão de Portugal ao longe. A imposição de outra língua. A criança para sempre perdida. Tudo, absolutamente tudo nele se impregnou, tornando-o desde cedo outro (ou outros, os quais pressente como um sonho inacabado ao acordar repetidamente).

Criança, era outro Naquele em que me tornei Cresci e esqueci. Tenho de meu, agora, um silêncio, uma lei. Ganhei ou perdi?³

Durban sempre esteve ali, no espelho dos seus olhos. Durban não era como prova de um exílio imposto, mas sim a dor de seu exílio interior, que o diferenciou dos demais e o

¹ CAVALCANTI FILHO, José Paulo. *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 48.

² Ver capítulo 2, "Infância e juventude", em: SIMÕES, João Gaspar. Fernando Pessoa: breve história da sua vida e da sua obra. Lisboa: Difel, 1983.

³ CAVALCANTI FILHO, op. cit., p. 64.

afastou da realidade graciosamente ofertada. Durban foi sua torre de Babel, confusão de línguas, seu espaço de aprisionamento e suas terríveis trovoadas.⁴ Trovoadas que, como uma punição líquida e estrondosa, faziam-no temer o céu. As trovoadas de sua infância nunca cessaram. São como estacas sonoras fincadas em um tempo que ainda troveja e tudo ilumina de espanto e solidão.

Choveu à noite e, inevitavelmente, as trovoadas assolaram o desassossego de seu sono. Durban voltou, enfim, porque as trovoadas estarão sempre a chamá-lo ao final de seus pesadelos. Agora os pesadelos não contam com a voz calma da mãe a rezar pela clemência de Santa Bárbara. Durban voltou através dos céus de Lisboa e voltou sem sua mãe, sem Santa Bárbara. O consolo é o esquecimento que só alcança quando lembra:

Ah, poder crer em Santa Bárbara...

Durban e seus inúmeros criados na casa de seus primeiros disfarces. A boca esboça um sorriso tardio de uma lembrança de simulação. Sua mãe e padrasto ausentes. Seu corpo magro envolvido em um lençol branco, a cara chamuscada de preto com resíduos de uma rolha queimada. O chapéu escuro enterrado, sinistramente, na cabeça. Sua aparição na área de serviço da casa. Gritos de pavor dos empregados. O disfarce e o impacto do não reconhecimento. Sua voz, em tom forte, clamando em vão: – SOU EU!!! Nada diminuindo o horror da encarnação de um outro. Insuportável cessão de si que mereceu forte repreensão da mãe. Sensação estranha de potência que marcou sua alma propensa ao engano de si mesma.⁵

Inesperadamente, fragilidade o alcança. A visão de sua vida de menino não é lembrança, é sim uma luz que penetra por todo o quarto na manhã fria de março de 1914. Mas há outros quartos invadidos de luz sendo limpos por criadas dóceis e submissas. O barulho das vassouras, o frenesi dos esfregões, o aroma do sabão... A cabeça repousa no travesseiro engomado à espera do carinho rápido de alguma mão que se esqueça do trabalho. Lembra-se da carta do mês anterior do amigo Sá-Carneiro ainda aberta sobre o criado-mudo. Há nela um vislumbre de preocupação que o emociona:

Domingo, 8 de fevereiro de 1914.

Vá lá mais uma vez, meu querido Fernando Pessoa, desculpe a maçada! Agradecialhe muito se amanhã à tarde você aparecesse em minha casa com a Conferência Maulica, porque o editor mandou dizer que tinha pressa nas provas. Mas eu não

⁴ Ver capítulo 2, "Infância e adolescência", em: FRANÇA, Isabel Murteira. *Fernando Pessoa na intimidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

⁵ SILVA, Manuela Parreira da (Org.). *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 103.

quero que você se constirpe. Logo se estiver a chover torrencialmente como agora, às 8 da noite de domingo, não se molhe. (...)

Adeus Um grande abraço do Mário de Sá-Carneiro⁶

"Não quero que você se constirpe." "Não se molhe." Lê em voz alta e sente o calor do acolhimento. Imita a cadência da mãe ao alongar as últimas sílabas, que são emendadas formando uma única e longa palavra.

É 1914 e dizem que é jovem. Mas não, nunca foi nem será jovem. Intui que somente haverá uma infância exílica, uma mãe que ainda fala por meio de todas as palavras de carinho e atenção que colherá durante a vida, e depois uma desordem completa que o colocará sempre desnudo e indefeso. Tamanha crueldade ser fazedor de ausências, aberturas constantes de espaço para suas mentiras, artísticas ou não. Isolamento necessário à ajuda de Outros a partir da doação de parte de si. A constatação de que será conveniente se matar, ao invés de morrer.

É 1914 e o veneno está no ar. Sabe que não há anestésicos para aplacar a dor. Ele sabe, a partir das imagens esmaecidas de Durban, que não há distanciamento possível para se colocar a salvo. Há uma atmosfera visionária no ar que brota do baú de suas recordações. Clama por um destino mais potente que o redima de uma mera existência humana e o aproxime de uma outra voz. Talvez um guia, uma esperança insana do surgimento de um mestre:

Eu nunca guardei rebanhos, mas é como se os guardasse.

Todo o território que para ele se vislumbra é marginal. Materiais renegados, restos de peças partidas, retratos rasgados da memória, insignificâncias e objetos perdidos compõem o mosaico do seu estranhamento de estar no mundo. Mas é de tudo isso que pretende tecer seu rumo, no enfrentamento do próprio caos, do desequilíbrio, do engano, da fuga, do invento, do desdobramento do pretenso Eu indivisível, do seu autoexílio, da escritura de um livro que não existe, enfim, da sua vida de teia imprecisa pendurada em um canto escuro de parede não visitada.

O sono é intercalado com aparições sucessivas como o balançar de uma cortina na janela da casa de sua memória, que tanto faz surgir quanto esconde a paisagem sombria de que não tem certeza se existiu.

-

⁶ Idem.

Mas a música é quase real. Um piano visto ao longe, mangas de um vestido azul arregaçadas a fazer sobressair mãos suaves tocando teclas como sempre sonhara que tocassem seu rosto. Era a mãe, mas a mãe transformada por Durban, e quando é certo reconhecer seu rosto os olhos não mais o alcançam, presos em um inesperado céu sob sua cabeça que amplia a dor de seu isolamento.

Compreende a própria solidão e tem medo de enlouquecer. Todos enlouquecem quando desafiam o que temem. A música cessa para dar lugar aos gritos dementes da avó Dionísia e uma imagem de potência se sobrepõe ao mundo vivo: "No silêncio do meu coração, o cadáver do meu passado."

É 1914 e o passado pesa os olhos, que se desviam para trás à procura de imagens pretéritas, que são, cada uma, lições esquecidas. Ouve os sinos da igreja no seu nascimento. Início. Esperança que 1914 corrói e desbota:

Ó sino da minha aldeia Dolente na tarde calma, Cada tua badalada Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar, Tão como triste da vida, Que já a primeira pancada Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto, Quando passo, triste e errante, És para mim como um sonho, Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua, Vibrante no céu aberto, Sinto mais longe o passado, Sinto a saudade mais perto.⁸

Tem sentido ânsias de uma falta, uma negação sem perfil que se move nos sons distantes de uma longa vida de poucos anos. Seu interior é repousário de cadáveres do passado embalados em seu colo ainda tão jovem, já cansado de tantas coisas vividas ou não. Estrangeiro em Durban, estrangeiro no quarto frio em Lisboa. A angústia o engravida de outras possibilidades inadiáveis. Ulisses ao avesso, ousa empreender viagem sem chegada nem reconhecimento – uma cosmogonia individual na qual inscreve sua metamorfose do que poderia ter sido e não foi –, como um Portugal dentro de si. Desejos que o aproximam do

⁷ CAVALCANTI FILHO, José Paulo. *Fernando Pessoa: livro das citações*. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 169.

⁸ FRANÇA, op. cit., p. 20.

sonho português sempre à espera de cumprir um grandioso destino, que, por certo, a ele se une em sua impossibilidade e inconcretude.

Quando pensa em fazer arte, não a dissocia da magnitude da epopeia portuguesa. Grandeza fugidia a mover montanhas de intenções nos navios de glória que o oceano tragou. Ele, o náufrago que conhece o lugar da riqueza depositada ao fundo, a fincar bandeiras no infinito indemarcável do mar que já foi português e, portanto, já também foi seu.

O sono é maior agora quando a insônia é paradoxo do seu sonho. Tudo que a manhã fria no seu quarto lhe revela é esquecimento e vazio, e pensa que, talvez, perto dele esteja uma espécie de morte que gruda na alma dos homens o torpor de redenção e clarividência que falta à vida:

Procuro despir-me do que aprendi, procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram.

1914, e o mundo não suporta a verdade. Alguma coisa se instalou de repente. As arestas da razão começam a incomodar e o discurso preparado cheira a sangue. Os vitrais das catedrais da ciência estão empoeirados e não deixam passar luz. Há vazios nas escolas e silêncio nos doutores. Estilhaços de colunas ditas indestrutíveis são a prova de um iminente desmoronamento. Não é Deus que está morto, são os homens e o seu ideário. Mas agora, na manhã fria em Lisboa, reina uma pausa à espera do tufão. Todo o terror está preso em fina garrafa, e qualquer mão distraída pode levá-la ao chão. O quarto é estreito e as janelas estão cerradas. O corpo não quer movimento, mas as mãos geladas saem da coberta como garras a garimpar alimento e alcançam o livro caído desde a noite passada. As palavras lidas provocam um deslocamento de ar. Há um vislumbre de novidade e frescor no que se afasta da voz repetitiva do século passado:

Todas as noites ela me cingia Nos braços, com brandura gasalhosa; Todas as noites eu adormecia, Sentindo-a desleixada e langorosa.

Todas as noites uma fantasia Lhe emanava da fronte imaginosa; Todas as noites tinha uma mania, Aquela concepção vertiginosa.

Agora, há quase um mês, modernamente, Ela tinha um furor dos mais soturnos, Furor original, impertinente...

⁹ PESSOA, Fernando. *Alguma prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976, p. 24.

Todas as noites ela, ó sordidez! Descalçava-me as botas, os coturnos. E fazia-me cócegas nos pés.¹⁰

Ah, o prazer de ler Cesário Verde em seu desafio de tornar poética a vida na sua sordidez de simplesmente existir... "E fazia-me cócegas nos pés." Há algo mais belo do que o movimento dessa rapariga ao transformar os pés em cócegas no mais despretensioso prazer? "Furor original, impertinente..." Desgastadas palavras de amor dos românticos não cabem para essa mulher que recebe seu homem com os gestos primevos de dedicação ao lhe tirar o peso das botas (quantas palavras inúteis de amor poupadas) e guiar suas mãos atrevidas de originalidade no gozo puro das "cócegas nos pés".

Ler até arderem os olhos o livro de Cesário Verde. Que pena tenho dele!

Ao sentir pena do poeta acaba por sentir pena de si mesmo, como se ele é que fosse o filho de um lavrador que tivesse por herança todos os espaços livres do mundo e, por um soco no estômago a lhe tirar o ar, tivesse que se separar do seu destino e virasse árvore cortada com violência, cujo tronco, sem raízes, se fincasse na crueza do chão das cidades, tornando artificial sua existência:

Triste cidade! Eu temo que me avives Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes, Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes, Curvadas a sorrir às montras dos ourives. (...)

E nestes nebulosos corredores Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas, Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.¹¹

A manhã escurece. A tristeza de Cesário Verde é dura e palpável. Fala de algo que rompe com o que acredita ser uma abominável fatalidade na vida de um poeta: o transbordamento metafísico, legado do século que terminara e marcara todos com seus jogos de tensão, seus esquemas vazios que neutralizavam qualquer palavra primeira que ousasse renominar o mundo.

O frio que gela o seu corpo é o da morte que queriam lhe impor – ele, um homem que não se importava de pagar o preço por ver e sentir, e que, para tanto, precisava sonhar ou,

¹¹ Ibidem, p. 108.

¹⁰ VERDE, Cesário. O livro de Cesário Verde. Lisboa: Editorial Minerva, s.d., p. 72.

melhor, dormir para dentro. O que Cesário Verde encontra nas cidades, fortalezas a proteger debilmente os homens que perderam a medida de seus desejos, eram os falsos vencedores de um único olho a mirar as muralhas de sua prisão. Ele também sabia que

Nas cidades as grandes casas fecham a vista à chave, escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe do céu.

Ler até arderem os olhos o livro de Cesário Verde e ver e sentir a rapariga que, sem nenhuma metafísica, vende suas verduras que cheiram a terra e mãos calejadas dos que simplesmente ouvem sua voz e, como ele, conseguem sentir a singeleza do cotidiano ato de vender o frescor da vida que pulsa:

E pitoresca e audaz, na sua chita O peito erguido, os pulsos nas ilhargas, Duma desgraça alegre que incita, Ela apregoa, magra, enfezadita, As couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante, Sem tronco, mas atléticas, inteiras, Carregam sobre a pobre caminhante, Sobre a verdura rústica, abundante, Duas frugais abóboras carneiras.¹²

Tem 25 anos e sente o cheiro das couves recém-colhidas, e sua cabeça sonâmbula é capaz de perceber que o que torna possível viver é o que brota por dentro, livre dos sons que vêm da casa, dos fantasmas de Durban, do navio que se afasta do único porto a que faz sentido chegar...

Cesário morreu aos 30 anos. Seu aniquilamento veio de fora. A corrosão lenta dos dias que não eram seus não o poupou. Do fundo dessa morte de fora a angústia de dentro o alcança. Escorrega pela cama e não encontra seu fim. Sentir a morte de alguém com se fosse a sua é o que lhe resta. Sabe que a experiência de sua própria morte lhe será negada, como o é a todos. A morte de um poeta aos 30 anos era o absurdo da sua hora: estar com 25 anos, morto e apenas vivo pelas palavras de cura do livro do poeta que já morrera.

Não teve medo de perceber-se morto. O que lhe deixa assombro nos olhos é que todos à sua volta também padecem do mesmo mal: a morte que ainda ignoram e da que não serão despertos, senão pela voz da rapariga a vender suas verduras sem pudores, forte e vital, com a

¹² Ibidem, p. 92.

vida a transbordar na poesia limpa e tautológica de quem apregoa verduras e vê nisso o desvendar do mundo inteiro.

É 1914 e não há mais objetos sem contaminação nem palavras que lembrem a origem. Os caminhos são precipícios onde o que ainda há de precioso na humanidade jaz ao fundo:

Bendito seja eu por tudo quanto não sei.

Sentimento de vazio como uma peste a espreitar o drama da existência que em breve será ouvido no ruído de batalhas. Os buracos deixados pelo conhecimento afastam o antídoto para o que acontece. E para o que virá a acontecer.

Revolve-se na cama desfeita. Percebe que há muito escreve em folhas soltas o livro do desencanto de todo um século. Chama de livro por não encontrar uma denominação apropriada para o que, lentamente, vai depositando em camadas sobrepostas de tintas e noites sem sono, matéria disforme, sem organização, labirinto de sonhos, mutação vívida de uma essência discursiva que choca o pensamento ao teimar querer ser uma narração, mas só encontra desassossego:

Pertenço a uma geração – ou antes a uma parte de geração que perdeu todo o respeito pelo passado e toda a crença ou esperança no futuro. Vivemos por isso do presente com a gana e a fome de quem não tem outra coisa. (1914)¹³

O mal-estar que sente é a afirmação clara de que palavras devem ser encontradas na ressurreição de um outro tempo. Um tempo volátil que, ao apreender sentido, se evapora, deixando apenas uma aparição fugidia de imagens dispersas.

O corpo cansado é testemunho de sua precariedade. Sua doença se identifica com a humanidade sem força, sem valoração da sua densidade terrena – o excesso de subjetividade, a febre metafísica do mundo elimina a emoção orgânica, objetiva e simples. Há vozes que precisam eclodir:

O meu olhar é nítido como um girassol.

Sabe que não está bem. O frio do corpo se intensifica e os olhos doem. Pensa que a poesia ainda pode livrá-lo de tudo isso, pode ser potente contra a sua constante derrota e adiamento. Lembra-se novamente do amigo Sá-Carneiro, de sua falsa juventude, de suas

¹³ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Introdução e organização de António Quadros. Sintra: Publicações Europa-América, 1985, p. 51.

constantes fugas. Pensa que ele talvez não suporte, que talvez desista ou que não se recupere a tempo de executar a tarefa mítica do poema que capta a salvação de um devir. O perigo ronda as palavras e seus crimes estão por irromper. Seus golpes são fatais quando ditos em meio à fraqueza em que se encontra:

Não pude vencer, mas posso-me esmagar, Vencer às vezes é o mesmo que tombar E como inda sou luz, num grande retrocesso, Em raivas ideais ascendo até o fim: Olho do alto o gelo, ao gelo me arremesso... Tombei... E fico só esmagado sobre mim!... (Paris, 1913)¹⁴

Esmagado sobre mim! Escombros do passado. O pai morto, a mãe distante, o mar que não é grego, mas é exílio sem viagem, sem deuses, sem lar. Durban...

Tem 25 anos e sabe que algo está prestes a acontecer, oscilando entre luz e sombra, como se seu destino estivesse impregnado de uma vidência anormal. Consegue abrir o portão para o jardim em que parecia perdido, mas onde, sem pensar, firmará o pacto de uma estranha escolha envolvendo sua identidade:

Sou um guardador de rebanhos. O rebanho é os meus pensamentos. E os meus pensamentos são todos sensações.

O corpo pesa e pensa, mais uma vez, em Sá-Carneiro. O amigo é tão jovem, só fará 25 anos dentro de dois anos. O pensamento o congelou como um presságio anunciado pelo seu temor infantil pelo número 5. Terror infundado, como infundadas eram suas brincadeiras de infância ao ler as linhas das mãos dos pequenos amigos ou a intuir sobre seus futuros talentos pela análise do formato de suas cabeças. Terror sem razão e brincadeiras de infância? Será? Pensa que a amizade que os une não é suficiente para o exorcismo de tantos fracassos. A escrita, para os dois, é dar voz aos fantasmas. Escrita na qual extravasa a estranheza dos sentimentos absurdos que os dominam: saudade do que nunca foi vivido, sentimento de não pertencimento, desejo alucinante de ser o que nunca foram...

Um vazio de imensidão assustadora se estabelece e a imobilidade favorece o encontro com o trágico cotidiano que diz do que a ciência e a filosofia jamais se ocuparam. Todas as idealizações, os engenhosos argumentos, as teorias incontestáveis se desmancham na manhã

¹⁵ FRANÇA, op. cit., p. 61.

¹⁴ SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 34.

de 1914, diante de uma nebulosa Lisboa que guarda em si o minuto vivo de um drama intenso: uma aposta na incerteza, na sensação que nasce primeira contra os sentidos domesticados pelas palavras vazias:

E o que vejo a cada momento é aquilo que nunca antes eu tinha visto. E eu sei dar por isso muito bem... Sei ter o pasmo essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera deveras...

De repente, uma lufada de ar frio é sentida como sangue novo injetado na realidade carcomida. Uma verdade superior rompe a tênue membrana que separa o pensamento da palavra. Há movimento e fluidez na vivência da experiência poética quando sonhada.

Cesário Verde, Sá-Carneiro... Eles sempre souberam. Há que se destruir a tela de cores harmônicas com que os românticos pintaram o mundo. Não há ordem nem corpos esterilizados pelos "bons costumes". Estão todos apodrecendo e negando sua própria destruição. Sente que todos os objetos colecionados e devidamente nominados pelo conhecimento são como *puzzles* incompletos, com peças perdidas ou em formatos que não foram feitos para o encaixe. O que se tem são imagens sem contorno, impassíveis ao gesto humano, a que, por força de uma coesão inventada, chamam mundo.

Imediatamente, como uma compreensão tardia de uma inscrição antiga, lembra-se dos versos de Mallarmé:

O sineiro que a ave, iluminada, aflora, Tristemente postado, engrolando o latim, Na pedra a retesar, por séculos, a corda, Não ouve mais que um eco a soar no infinito.

Sou esse homem. Mas ai! da noite desejante Bem posso ressoar, puxando, o Ideal, Que dos frios pecados só freme a plumagem,

E a voz só me vem em soluços e vã! Mas, um dia, cansado de puxar, puxar, Hei-de tirar a pedra, Satã, e enforcar-me. 16

Há um cansaço de Prometeu que se opõe à sensibilidade da vida. O "Ideal" há de nos enforcar a todos. Infindável e inacabada "noite desejante". O saber empilhado a ditar uma fraudulenta lei de ascensão e progresso. A corda a esticar pescoços frágeis como o dele. Não ouve hinos de louvor pelos grandes feitos. Cansaço e tédio falam do labirinto que só ensina sobre quantos caminhos podem levar a lugar algum. Não duvida mais de que o seu fracasso se

¹⁶ MALLARMÉ, Stéphane. *Poemas lidos por Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, p. 53.

insere nas profundezas do mito. Puxa a coberta de sua cama limpa e procura esquecer que foi motor de incomensuráveis sonhos que suas ações empobreceram, tornando-os menores. "Noite desejante" de seus projetos incompletos. Sente um amargo na boca ao lembrar-se de sua empreitada de poucos anos atrás: a criação da Tipografia Íbis. Não sobreviveu um ano e extinguiu-se juntamente a toda a herança deixada pela avó. 17

Acende um cigarro, talvez o quinto dos quarenta que ainda fumará. Sim, como se distanciara do "Ideal". Tem 25 anos e já reúne fracassos de uma longa vida. O curso de Letras abandonado, os negócios falidos, o adiamento de tudo: "Passo a vida a adiar tudo e para quando?"18

O barulho de louça na casa é a lembrança sonora da vida microscópica da família. Mora com a tia amorosa a lhe arrumar o quarto e a lhe prover acolhimento com o sabor das reuniões de domingo em torno da mesa do almoço. Só ali se percebe Fernando porque assim o chamam para a oferta de mais um pouco de sopa quente. Quão distante está Fernando dele? O barulho da louça é sempre um retorno. A poesia de Mallarmé é sempre um chamado, mas não para Fernando. Fernando é o que relê as cartas da mãe, amarradas com esmero e guardadas como outra frágil prova de quem deveria ser.

Durban e a mãe ainda chegam juntas a ele. Cartas da mãe se sucedem e lhe são entregues pelo simples fato do registro do destinatário – Fernando. Cartas que falam de dias sem interrupções, de boas e más notícias, de crises, de aniversários, de dores e remédios. Enfim, de uma vida atracada em porto distante do qual há muito se distanciou.

Há um assunto recorrente nas cartas da mãe: seu desejo de que se torne alguém tributável, cotidiano, previsível e burguês, ou, em suas repetidas palavras, "que ganhasses alguma coisa para teres uma vida mais desafogada". Insistem que as cartas são para ele e que é razoável que a mãe assim o queira. Deixa-se, assim, chamar Fernando para que a assinatura da mãe alguém alcance, mas ele há tempos não reconhece o desejo materno a lhe dar nome e sentido à vida.

É 1914 e sente cada vez mais sono. Ele, o fingidor de Fernando, o que só ao longe ouve passos na cozinha asseada da tia e mais longe ainda o eco dos desejos da mãe: "... que tivesse uma vida mais desafogada."

Quer escrever para a mãe e dizer que não sabe quem é Fernando, muito menos se existe para ele "uma vida desafogada", à larga, a rir de piadas sociais e a receber tapas nas

¹⁷ SIMÕES, op. cit., p. 63.

¹⁸ CAVALCANTI FILHO, op. cit., p. 102.

¹⁹ NOGUEIRA, Manuela. Fernando Pessoa: imagens de uma vida. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 70.

costas. Quer escrever para a mãe e contar a verdade, ou melhor, contar das mentiras que o sustentam e que só por meio delas ainda vive – intenso, quieto, soturno, desassossegado. Mas nunca desafogado. Quer abraçar a mãe e, só para ela, contar que Fernando é destinatário incerto, vago, impreciso... Mas tem medo de assustá-la. A mãe precisa dele porque quer seu filho vivo, em algum lugar. Talvez em Durban. O cigarro apaga-se entre seus dedos amarelos. Sua vida é rascunho sempre à procura de uma melhor versão; sua vida são folhas esparsas que se empilham em uma arca improvável, em um quarto provisório com vista para uma paisagem que não existe... Melhor assim, pois o que é real é o ano de 1914 com a aspereza própria das realidades sem saída. Melhor assim. Sua instabilidade é capaz de equilibrá-lo onde não há pontes, só abismos. Seu cansaço e tédio são preenchidos pela clareza da indiferença, território epifânico do seu não pensar:

E não estou alegre nem triste. Esse é o destino dos meus versos.

Olha para suas mãos, emaranhado de veias, e estranha aquele prolongamento do seu corpo. Há sempre um pavor recolhido por se saber um corpo. As mãos com que escreve lhe parecem desconhecidas e, pela primeira vez, não pensa nelas como mãos, mas como coisa perfeita com que alcança papel e lápis. Árido segredo que se escondia nas mãos – são simplesmente mãos – e não explicações anatômicas a lhe turvar o que são:

Procuro encostar as palavras à ideia e não precisar de um corredor do pensamento para as palavras.

Sentir as mãos e não pensar o que são. Adormece um sono leve. Tem pensamentos demais e adormecer acalma os sentidos. Fluxos de imagens se aproximam e versos de Horácio remontam à origem:

Tu sabes Lébedo o que é: mais deserto que as aldeias de Gábios e Fidenas. E, no entanto, era ali que eu desejaria viver, esquecendo os meus e deles esquecido, contemplando, longe da praia, Neptuno em fúria.²⁰

Balbúrdia e força são o mundo de Horácio que se descortina pela vivência de uma linguagem que não são palavras, mas rico festim de sensações. Também nas aldeias de Gábios e Fidenas gostaria de viver. As cartas da mãe não seriam mais entregues. Ele, "esquecendo os

²⁰ PEREIRA, Maria Helena; FERREIRA, José Ribeiro (Org.). *Horácio e a sua perenidade*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010, p. 11.

[seus] e deles esquecido", mas com a fúria dos deuses a lhe preencher a paisagem. Mar de Lisboa em dias de maremoto. A violência da natureza a dar força às divindades. Prazer sinestésico de um viver em praia distante com Netuno a soprar os ventos da sua vida de mortal:

E os meus pensamentos são todos sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos e com as mãos e os pés e com o nariz e a boca.

A Antiguidade vive, renascida e atualizada no quarto frio em Lisboa de 1914, refúgio também de Horácio. A Antiguidade e os seus gregos recriados em constante luta contra os bárbaros que somos nós.

O quarto é inundado de sangue e vinho. Deuses sentam-se ao pé da cama a lembrar que deles emana a Grande Obra. O céu baixou à terra e os deuses estão entre nós, sacudindo em suas vestes a poeira da salvação. A realidade mítica que pariu os homens foi suplantada pela dogmática cristã, que nos tirou o conhecimento da origem para nos oferecer a paz perversa dos dogmas que mentem e nos subtraem a luz.

Tem certeza de que naquela hora só ele enxerga os deuses que estão, perigosamente, próximos. O medo da loucura voltou quando tocou levemente o manto de Dionísio, mas, ao olhar pela janela, o que vê, na manhã nebulosa, são restos de ideias ocas, são correntes a prender a língua dos homens, é o esquecimento generalizado a envenenar palavras que nada mais dizem, apesar de lógicas e ditas sãs. É preferível o delírio e a pancada na cabeça, que proporcionam uma estonteante visão:

E vejo um recorte de mim no cimo dum outeiro, olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias.

Tudo acontece como uma vertigem, uma descida em rodopio, um formigamento que é o prenúncio da feitiçaria que embaralha os tempos e traz em si todas as tempestades noturnas capazes até de fechar olhos sem pálpebras. Ele é o único que vê os deuses do Olimpo caminharem nos telhados das casas. O extraordinário de tudo isso é cheio de cores. Tintas jogadas na parede do quarto e que só os olhos não podem sentir. É preciso dar literatura a todos os sentidos. Não entende como todos puderam trocar tanta luz pelo túnel escuro das explicações falaciosas. Está certo de que colocaram armaduras nos sonhos:

Tem convicção de que seu poder de ver os deuses e ouvir Horácio só é possível porque abandonou, de vez, o conforto das sensações analisadas, catalogadas e homologadas – essas são covis nos quais se esconde o horror do mundo. É preciso fechar novamente os olhos, provocar isolamento e suspensão. Nesse espaço vivo, cheio de infinito interior, é que dele se apodera uma serenidade cheia de ameaças e perigos. Sente um arrepio provocado pelo toque das coisas como são. Renega o pensamento que lhe abre o livro dos saberes a dizer, insistentemente, o que, na verdade, não é:

Que as coisas sejam realmente o que parecem ser e não haja nada que compreender.

Sente vontade de beber algo forte, que lhe queime a garganta, que lhe intensifique a condição de dilacerar sua inteligência forçada, sua maquiagem intelectual. Por instantes, entram no quarto seus amigos de bar e de conversas noite adentro. Todos idealistas como lhes ensinaram ser. Todos recitando o texto do que está posto e que se assemelha a um novelo de experiências que não são as suas. Precisam ser assim porque querem poder, reconhecimento, admiração... Deram as mãos à realidade e não percebem o laço apertado em seus pescoços, alguns nem mais respiram. Fecha os olhos e eles se afastam. Precisa dormir para não ouvir o que dizem. Tem 25 anos e não quer ouvir o que dizem. Quer ter o prazer incomensurável de não saber a verdade. Não quer aprender. Precisa, sim, esquecer para obter o reinício e plasmar uma inusitada memória, uma palavra ainda não dita, e daí a poesia.

Os deuses ainda estão com ele, tornando possível o experimento ternário do tempo – passado, presente, futuro. Não despreza a herança e sua heterogeneidade. A sua instabilidade é condição para o filtro que compõe a sua modernidade pessoal e intransferível, confeccionada com o material que, oniricamente, seleciona. Vai para o sótão de si mesmo com as mãos repletas de substâncias disformes, palavras desordenadas e sensações caóticas. Não há controle e percebe que frascos suspeitos se rompem para anunciar a sua morte, mas também exalam a salvação porque a morte não existe. Só há vida, em suas múltiplas dimensões, para muito além. Como cola para as peças partidas e espalhadas no chão do quarto, ouve a voz de Sá-Carneiro, que tenta, um dia, ter 25 anos:

Um pouco mais de sol – eu era brasa, Um pouco mais de azul – eu era além. Para atingir, faltou-me um golpe d'asa... Se ao menos eu permanecesse aquém... (...) Se me vagueio, encontro só indícios... Ogivas para o sol – vejo-as cerradas; E mãos d'herói, sem fé, acobardadas! Puseram grades sobre os precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto, Tudo encetei e nada possuí... Hoje, de mim, só resta o desencanto Das coisas que beijei mas não vivi...

Um pouco mais de sol – e fora brasa, Um pouco mais de azul – e fora além. Para atingir, faltou-me um golpe d'asa... Se ao menos eu permanecesse aquém... (Paris, 1913)²¹

Seus heróis, amigos que, pela noite adentro, bebem com ele e fumam seus inacabáveis cigarros e leem seus textos. Eles, heróis sem fé, de mãos acorbadadas, tentam se salvar em 1914 colocando grades de proteção sobre os precipícios. Vã tentativa! Maldição de uma época. É 1914. Sá-Carneiro luta, desesperado, por uma salvação que lhe chega desafortunada, faltando-lhe um golpe d'asa, ínfimo intervalo de criação, para que o equilíbrio desarmônico do mundo se refizesse. Quase. Tempo de intermeio, entre uma coisa e outra que não se sabe qual será.

Nasceu sob o signo de gêmeos: já duplicado na sua origem, marcado pelas divisões em sujeito e objeto, interior e exterior, transcendência e facticidade. ²² Sabe que tudo nele é fragmentado e adverso à unicidade. Para ele o "Quase" do amigo Sá-Carneiro também se aplica e intensifica sua instabilidade.

A angústia de ser uma antítese de sua época é sublimada pela possibilidade de olhar e entender mapas astrais que o levam para o além de.

Reflete sobre a facilidade com que a humanidade aceita, de pronto, as complexas fórmulas das ciências exatas, incompreensíveis para a maioria, mas reluta e desconfia diante dos traçados dos astros, da fala dos espíritos.

O mistério assusta os homens com seus olhos de esfinge, e talvez por isso tenham preferido o esconderijo enganoso das grandes narrativas. Narrativas ordenadas, arrumadas, mas que lhes negam a beleza de seus próprios abismos.

Sente que, diante de seu tempo, sempre fora o que estivera "fora", o que, talvez, sofresse de alguma anomalia psíquica, aquele que desde os cinco anos precisava do OUTRO e que sofre com o apego aos que ficaram perdidos, escondidos por detrás das árvores da sua

²¹ SÁ-CARNEIRO, op. cit., p. 27.

²² FONTES, Lilian. *Fernando Pessoa: a essência de um geminiano*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2013.

infância povoada de vozes.²³ Quer sentir as mãos fortes do capitão Thibeaut. Quer o conforto das conversas com Chevalier de Pas.²⁴ Amigos de si mesmo, carne de seus devaneios. Completude da criança solitária que sempre será.

Nascer sob o signo de gêmeos foi a marca do destino que lhe fez superar o homem solitário para dele fazer surgir fios invisíveis, tecidos pela Ariadne do seu sono, capazes de brilhar na escuridão que o conduz ao lugar do "monstro" que o devora para cuspir OUTROS. Inquietação, febre, oscilação: o signo de gêmeos é a sua incompletude, sua vida cingida, seu corpo em dois movimentos contrários que sempre abraça paradoxos incontornáveis. Pensa nos deuses e chama por Hades. É preciso navegar pelo mundo subterrâneo, o mundo dos mortos. Pensa nos deuses e chama por Dionísio, porque também precisa de luz para caminhar no mundo dos vivos. O quarto é atravessado por uma linha imaginária: vida e morte comungados à espera do além de, do resgate que se encerra no duplo, da linguagem e do silêncio, da luta e da renúncia, da queda e da redenção:

O que é preciso é ser-se natural e calmo na felicidade ou na infelicidade.

Sob o signo de gêmeos para cada ideia há a gestação do seu oposto, e já não teme que seu desdobrar possa afastá-lo da razão – sua melhor equação está atrelada ao seu paradoxo e, portanto, abraça a si mesmo e afrouxa os braços no reconhecimento de que já não é ele nem outro. Oximoro deambulante. Vagar de incoerências. Lembra-se do jogo dos espíritos que sua tia Anica armava com esmero em noites após o jantar.²⁵ O tabuleiro de letras à espera da palavra que viesse de outra esfera, produzida por um movimento não humano e, portanto, cheio de um saber que nos é negado. A pausa e a espera. E o movimento lento de uma mão invisível. A escrita sem alicerce no real.

Pela primeira vez, em um lampejo, entende o seu próprio processo poético. Sua poesia era o tabuleiro dos espíritos. Um hieróglifo de gestos sem decifração possível. Todas as palavras sonhadas estão em suspenso no ar que não é o que respira, e sim o que é exalado pela boca dos que não estão aqui, dos que não podem ser alcançados, nem vistos, nem tocados. Desespero da ciência!! Sob o signo de gêmeos é possível entender o outro lado que está sempre a olhar em outra direção, e só com olhos divergentes, que brigam entre si pela paisagem que não se revela, é possível dançar o balé da vida inventada. Não há raciocínios

²³ PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 16.

²⁵ NOGUEIRA, Manuela, op. cit., p. 38.

verbais que deem conta disso. O balé da vida inventada e o tabuleiro de espíritos sob o signo de gêmeos.

O texto não escrito é poesia perdida que suas mãos geladas precisam sentir. Sentir o enigma do mundo não é morada para a ciência, e sim para a magia do tabuleiro dos espíritos, para a poesia dos poetas fortes, para a existência simples da natureza:

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem, que traçam linhas de coisa a coisa.

Balança, em pêndulo, o corpo na cama. Tudo é incomunicável sem a magia e a invenção. Os deuses agora dançam a música que ouvia do piano da mãe. O Olimpo é Durban, o Universo é o quarto. Bailam e se orgulham dele. Todas as resistências estão minadas e caem por terra os ordenamentos ensinados. Sente que está vivo na sua instabilidade. Sente que há movimento sob o signo de gêmeos e que um pensamento-tesouro brilha no fundo de sua alma como um pote de ouro ao fim do arco-íris.

Intangível. Decide não ler mais: filosofia, arte, política, literatura... Nada. Não pode ouvir nenhuma outra voz senão as que dele emergem. É difícil dizer NÃO a Heráclito, Leibniz, Nietzsche, Milton, Mallarmé, Shakespeare. Se há uma chance de salvação é fazer cessar as vozes deles para que possa ouvir as suas. Em 1914 nada há mais para ser aprendido. Até o prazer que emana das narrativas de romance, a pôr ordem na vida, a enumerar capítulos, a manter a vida domesticada e sem sustos, é destituído de sua serventia. Em 1914 todos os diques arrebentaram. Para ele ainda falta escavar o último túnel que restabelecerá seu olhar adâmico e o fará usufruir o que ainda de genuíno lhe resta. Tem 25 anos e já não tem muito tempo para povoar sua vida com seus próprios artefatos:

Tristes de nós que trazemos a alma vestida.

Só uma voz, contudo, ainda se permite ouvir. A voz de Sá-Carneiro, que luta, desesperadamente, para, quem sabe, um dia, ainda ter também 25 anos:

Detive-me na ponte, debruçado, Mas a ponte era falsa – e derradeira. Segui no cais. O cais era abaulado, Cais fingido sem mar à sua beira...

Por sobre o que EU não sou há grandes pontes

²⁶ PESSOA, Fernando. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. São Paulo: Girafa, 2006, p. 137.

Que um outro, só metade, quer passar Em miragens de falsos horizontes... Um outro que eu não posso acorrentar... (Barcelona, 1914)²⁷

O fingir que é artefato da criação. "Cais fingido sem mar à sua beira", exaltação máxima de uma poesia destemida a esbofetear a realidade em um duelo mortal. A instabilidade da cisão se revela em um EU que admite pontes para o Outro. Caminho sem volta para vozes que exigem expressão: "Um outro que não posso acorrentar..."

Sob o signo do duplo, sob o signo de gêmeos, a instabilidade se insurge. Nada de si pode mais estar acorrentado. Às favas os que dizem sobre o império do indivíduo consciente, fonte de indestrutibilidade. Ele é uma humanidade de EUS que reclama por ar e dramas em gente.

O mundo de 1914 é escuro na sua unicidade. Ele se remexe e o corpo se expande na cama fria:

A Natureza é partes sem um todo. Isto é talvez o tal mistério de que falam.

A manhã se derrama lenta, própria para o sono. Pensa que já se faz hora e que o corpo pode se insurgir e se pôr de pé. O frio é um elemento de fundo para a espera. Percebe que há muito espera e que a sua imobilidade de agora é a forma escolhida para remontar a vida. Com os olhos fechados, em posição de feto, espera. Não há ansiedade para encontrar saída na encruzilhada incontornável das coisas. Há suspensão, pausa prolongada em que respira em intervalos longos. Todo o seu esforço de produzir, audaciosamente, um habitar poético no mundo se esvai na manhã de 1914 em uma Lisboa que amanhece sem saber dele, nem do que pensa, nem do que escreve.

Há poucos anos havia uma efervescência que era o seu motor enganoso de fazer poesia, pelo menos assim acreditava... Tantos discursos, tantos "ismos" que sacudiam a anarquia do seu desassossego interior e o faziam criar. Lembra-se do seu assombro de invenção que unia céu, terra, mortais e imortais. Todas as formas desafiadas. Seu poema "Impressões de crepúsculo", escrito somente um ano atrás²⁸, e a catedral de Gaudí – juntos para ser o que nunca existira. Há um ano suas mãos ousaram renominar o mundo.

Sim, não fazia muito tempo estivera próximo (ou enganosamente próximo) de mergulhar fundo no mistério órfico da humanidade. Escrevia como se Orfeu lhe soprasse aos

²⁷ SÁ-CARNEIRO, op. cit., p. 52.

²⁸ O poema "Impressões de crepúsculo" começa com a palavra "pauis", que significa pântano, e foi escrito por Fernando Pessoa em 29 de março de 1913, inaugurando o movimento denominado paulismo.

ouvidos o enigma do Homem. Sentia-se unido na vingança de Zeus contra os profanadores Titãs que devoraram a carne de seu filho, o deus menino Dionísio. O castigo dos corpos queimados dos Titãs pela fúria de Zeus, e das cinzas do crime germinar o homem.

A explicação mítica para a nossa natureza titânica e divina. O clamor da nossa ambiguidade a confrontar a técnica e a ciência. E mais uma vez a poesia, a sua poesia, a lembrar-se da essência e a dar desordem, a instituir o caos e as imperfeições de que somos feitos. Sua poesia e o crime dos Titãs a habitar o mundo com o destemor da nossa flagelada humanidade. Pensa que não fazia muito tempo que a arte ameaçava os cânones. Existia Picasso, existia Gaudí e existia espanto nos homens que ousavam erguer suas cabeças para figuras a desafiar, com suas dimensões planas, todas as possibilidades da superfície muda da tela ou para o êxtase de uma catedral desconcertantemente bela... E ele escreveu como um louco enfurecido a bradar a sua indisciplina.

Agora o tempo parou. É 1914 e precisa manter os olhos fechados e esperar. Há um ano o seu drama estático "O marinheiro" foi recusado para publicação. Há um ano que abandonara os escritos do seu diário.²⁹ Todo o avesso do que acreditava se mostra, agora, por meio de linhas embaraçadas de um tear abandonado. Inevitável que reverberem as palavras da sua autoanálise.

Que espécie de homem é, afinal? Quisera sempre dar prova da existência da sua vida. Unir-se com a realidade íntima das coisas. Quebrar o encanto da sua fatalidade. Contudo, depara-se com o rio seco de suas hesitações e dúvidas. Incertezas que a sua débil vontade também não consegue fixar. Constelação de impasses diante de incoerências construídas com matéria que o Universo descartou. Vazio de negações a criar o seu indecifrável mistério. Absurdo. O caleidoscópio de sua vida a girar a manivela e revelar dilaceramento: a ausência do pai, a infância perdida que se chama Durban, a língua dissonante e exílica que aprendera para fora, a língua de origem vibrando para dentro. Que espécie de homem, afinal? Intermeio de gênio e loucura. Nunca teve escolhas. Teve destino. Calado, intenso, egocêntrico, autossuficiente... Sociabilidade rarefeita. Vida com necessidade da armadura do fingimento para não ser ceifada pelo corte da razão. Passividade e sonho ajustados ao corpo que balança no seu suicídio de ser.³⁰

O caderno do diário fechado. O corpo mal coberto para que o frio o ajude a sonhar. Falsos dias se sucederam. Quer pensar, mas o biombo opaco das enganosas recordações se

³⁰ PESSOA, op. cit., p. 99.

²⁹ QUADROS, António. Fernando Pessoa: vida, personalidade e gênio. Lisboa: Arcádia, 1981, v. I, p. 179.

opõe. Venta lá fora. O quarto é só quietude de palavras represadas. Rangidos das janelas da casa são ouvidos sem quebrar o silêncio de dentro.

Há intervalos entre as coisas e neles estão reunidos todos os gestos entre o céu e a terra. Há um significado em suspensão. A pausa do mundo. O ritual do habitar poeticamente um espaço. Traçado fino da existência. Não há ação, só um saber dos sentidos que nada sabem. Experiência pré-verbal, placenta da poesia. O corpo flutua e cede aos encantos dos materiais espalhados. Há tempos que gera o absurdo, que nutre o impossível, que se alimenta da invenção. Entende a dor silenciosa do seu parto sem rebento. A verdade que toca é feita de anacronismos, imprecisão, projetos inacabados.

O gesto exterior de estar deitado se conecta com a expectativa interior de espera. Não há pressa de papéis ou de pena. A poesia já ecoa no quarto e palavras surgem como uma aparição, fantasmas do que nunca serão. Há sempre devir na poesia que já não está aqui. Devir e mistério, aliados inseparáveis do sublime. A língua da infância o aproxima do poema de Walt Whitman: "Walt, you contain enough, why don't you let it out then?" Sente-se preso em um sonho. Ele e Walt. Um homem não é só o que ele é, ou o que pensa que é, ou quer ser... Cada momento é uma explosão de possibilidades que surgem sem permissão de nossos planos ou de nossa narração.

Ele e Walt. 1914 sem muro de contenção. Sepultura do que ele pensa ser seu excesso: lançar ao vento a metafísica do existir de Shakespeare – ser ou não ser? A única coisa vital é extravasar-se e, aos tropeços, reunir o maior número de máscaras para dar conta de um único rosto sem rosto. Não quer lidar com palavras. Quer corpos que se materializem como poesia viva no espaço morto de sua impotência. Corpos e biografemas. É 1914 e ninguém conta mais estórias de vida. Não há vida real, mesmo as que foram vividas. Só há vida em biografias inventadas, em nomes capturados aleatoriamente em tabuletas de farmácias. Falsear é a única vida possível. Caminhos enviesados e perigosos para encontrar Walt. A tensão se adensa no espaço heterotrópico da ficção. As palavras não são as mesmas. Estão em mutação. O verso que tenta é precário porque precária é a existência.

O abalo é visceral. Não pode ignorar o arrepio da palavra. A palavra que não se dobrou ao esforço disciplinador de uma ética torta que nos chama pelo que não somos. Mas a palavra que desnuda, o grito que se opõe, a loucura dos sentidos em suas construções impensadas, em sua força vital que também é a sua própria fantasmagonia – essa não pode deixar de ser ouvida. A palavra ainda não dita é a única que interessa: virgem na sua

-

³¹ "Walt, tu conténs o bastante, por que não deixas sair então?" (Cf. BLOOM, Harold. *A anatomia da influência: literatura como modo de vida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 286.)

35

existência idealizada, capaz de gerar potência para o embate com o mundo. Os deuses ainda não a pronunciaram. Sentem medo do ato inacabado de salvação:

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...

A pausa no quarto, em Lisboa, no Universo, é o silêncio do campo de batalha em que lutam forças sobre-humanas pela única coisa que vale a pena alcançar: a vitória divinatória sobre o esquecimento:

E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.

Não há como negar a herança, o atavismo do gesto em suspensão, as reverberações, os ecos distantes. Os deslocamentos do real para o irreal não são como sustos abruptos, são sim prolongamentos suaves, feixes de luz emanados de uma origem que sempre admite um reinício. Alimento e seiva dourada no corpo de poetas que assumem o risco: "Walt, you contain enough, why don't you let it out then?" Fernando, o que fazer com o que você também tem em excesso? Se há respostas, devem morar no silêncio que antecede as trovoadas e no reconhecimento de que era tarde demais para morrer jovem.

É 1914 e uma angústia se amplia. Continua imóvel e sente que só há texto vivo na pausa que adormece. É 1914 e o mundo é uma imensa caixa pensante com objetivos explícitos, mas não no quarto frio em uma Lisboa revisitada como Ítaca de uma viagem jamais empreendida. Lisboa, lugar do seu sono e guardiã do seu sonho que é destino irremediável: o poema a ser escrito (ele precisa sempre estar a ser escrito) e que lerá todos os homens por ser palavra escondida na invenção da sua descoberta:

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: — As coisas não têm significação: têm existência.

2 A MEDIDA DO OUTRO

Porta blindada. Sempre há um obstáculo que impede que o que olha de fora dê conta do que se passa dentro. O poder curativo da confissão pretende destrancar o mistério da mente que não suporta a si mesma. Exorcismo atávico de sombras, recalques e cenas encobertas. A verbalização que purificou Agostinho¹ é um desvio tosco diante de todos os textos impossíveis de serem confessados. Textos que fogem das palavras conhecidas. Textos impressos em membranas finas e sem marcação, como sol da meia-noite a iluminar o teatro de si. Não há saída. É preciso ter loucura para percorrer paisagens submersas e acreditar na existência como camadas superpostas e desafiar a Lei, enunciando como Tertuliano² a sua fé descomedida: "Creio porque é absurdo."

Tudo, em resumo, reside na possibilidade frágil de encontrar na porta blindada brechas porosas que mediam os jogos de aparências, partindo de premissas impensadas e indo até as últimas consequências, para elaborar a linguagem inorgânica do que não se conhece e transformar esse esforço em gesto dramático, em vida que vai além da forma dos objetos, dos esquadros rígidos da realidade. Ainda está deitado e admite que não é Um pelo fato de que a unicidade é contrária ao mistério. Sente um sobressalto e o intervalo são pedaços dispersos que brilham à luz da sua permissão de não ser.

Há excesso em sua existência. Constatação clandestina que penetra por baixo da porta do quarto. Ele, sujeito pacato na superfície, domesticado no trato, cortês nas relações. Ele, um excesso mortal por dentro.

A arca imensa, sem fundo, na qual lança as páginas soltas do que pensa conter, é a prova da sua ausência de contenção.

Sua experiência de cisão está submersa em uma arca: dilúvio de elucubrações, neuroses sem remédio e, quando os deuses permitem, ali também reside poesia, porque

Sou do tamanho do que vejo, e não do tamanho da minha altura...

Abdicação impensável do EU para domar sua angústia indomável. Sabe que a insistência na indivisibilidade é uma fraude, sustentação equivocada de um Narciso que morrerá à beira do lago, preso a uma única face. O uno faz-lhe nascer a falta, a brecha, a crise

¹ AGOSTINHO. Confissões. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

² Tertuliano, teólogo e Pai da Igreja, diante dos mistérios da fé: "Credo quia absurdum est."

de suas obsessões.³ Tanta dor transvertida em jogo ilusório. Prostrado em si mesmo, como o grande pássaro Íbis, pousado sobre um só pé, sente que sua vida é uma escrita "entre" – interlúdio, interregno, interseccionismo.⁴

Pressente que o "entre" não é pausa do momento de escolha, exercício limitado do seu frágil livre-arbítrio. Estar "entre" é só o impasse de indecisão e paralisação. O ano é 1914 e também sofre de sua própria abulia. Há silêncio entre as coisas e tal ausência é terror de aniquilamento. O peso dramático desse silêncio fala nos rostos descarnados, congelados por uma espera. O tempo que é transitoriedade e resignação antecipada. O que fica é a sensação do "entre", simples ponte partida: "A ciência pesa tanto e a vida é tão breve."

Tensão de cordas esticadas para além de sua elasticidade. Há quanto tempo já é um não sujeito que escreve em rascunhos que se autorrasuram para se negarem como material pronto. Termina de fumar mais um cigarro, porém sem tragar o fumo. Para ele fumar também é ato incompleto. Há sempre os entorses, os oximoros, a contradição que salva suas palavras. Nunca lutou para ter razão e coerência, perigos do mundo. Admite que é texto inacabado e, pela primeira vez, se reconhece no vidro da janela.

Observa o seu corpo de pele translúcida. Ectoplasma sem materialização que do embate entre identidade e alteridade se define:

Vivo no cimo dum outeiro numa casa caiada e sozinha, e essa é a minha definição.

A fragilidade da sua identidade e o excesso de desejo. Ele deseja, ele pulsa por dentro e permanece imóvel por fora. Não há muitas opções quando o conforto logocêntrico se esvai. Não há centro, não há autonomia: o eu é uma metáfora do corpo sempre em luta por uma hipotética autonomia.⁷ Para ele, inerte diante da multiplicação para dentro, só resta uma estranha evasão: "Não tenho para onde fugir a não ser que fuja de mim."

Fugir de si pode ser a última chance. Ceder lugar vazio para o discurso do OUTRO. Assumir o duplo (o OUTRO que desmistifica quem SOU, existência precária de uma débil fala afirmativa) não lhe é impossível. Pelo contrário, é catarse, é riqueza de materiais, é alívio para um texto forte que precisa irromper: é 1914 – nada é tão estranho e desestabilizante como a data que diz de Tânatos e de sua vitória sobre a vida. Ele se esfacela porque precisa,

³ Ver LACAN, Jacques. *Seminário XI*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

⁴ Ver capítulo 3 em: PERRONE-MOISÉS, LEYLA. *Fernando Pessoa: aquém do eu, além do outro*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, s.d.

⁵ FREUD. "Introdução ao narcisismo." In: *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁶ PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 46.

⁷ FREUD. "O ego e o id." In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XIX.

⁸ PESSOA, op. cit., p. 34.

do seu jeito, dar conta das trevas e das sombras. Ele não. O OUTRO. Eros de si mesmo. Poeta do enigma que sobrevive para cuspir no chão da realidade, para zombar da sua identidade e dar vazão à ficção. Ficção do OUTRO. Resgate do texto que brota no espaço de uma Lisboa que é maior que o mundo, porque é o lugar de sua metafórica redenção:

Da minha aldeia vejo quanto da terra pode ser o Universo.

Há que pensar no quanto de vazio terá de enfrentar para tomar posse do que não é seu. Rimbaud soa como profecia: o EU é o OUTRO.

Tomar posse do OUTRO é enfrentar o vazio da angústia, o estrangulamento do seu desejo de ser algo além. Só há saída na impessoalidade de simular, mentir, fingir em ode de renúncia do EU para não sofrer do perigo de não ser ninguém. Persegue a falta, a autofagia do seu próprio texto, a despersonalização que é mediação do real insuportável.

Pensa na grandiosidade da instabilidade poética de OUTROS, na mesma terra nascidos, na mesma língua expressos:

Eu sou já do que fui tão diferente Que quando por meu nome alguém chama Pasmo, quando conheço Que inda comigo mesmo pareço.¹⁰

Eu não sou eu nem sou outro Sou qualquer coisa de intermédio: Pilar da ponte de tédio Que vai de mim para o Outro.¹¹

Em 1914 a nostalgia do EU é mais profunda – a data se inscreve na cilada da certeza narcísica. Em 1914 não há paliativos e a falta é uma camisa desbotada a expor um vácuo subjetivo que pode ser preenchido com sangue ou poesia. Será que há o exercício de escolha? A convulsão do mundo espalha o experienciamento do horror, margeado pela companhia do sublime. Horror e sublime, extremos da data, dando bordas e contornos para o NADA, que é berço da criação e do desdobramento.

A força de uma heteronímia é lampejo de saúde em meio aos escombros da peste. Seu EU esfacelado é oferecido no altar de sacrifícios. Sabe que espalha uma ameaça potente contra a razão instauradora da emboscada do mundo. A heteronímia é escândalo porque é

¹¹ SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 63.

⁹ RIMBAUD, Arthur. *Prosa poética*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1986.

¹⁰ CAMÕES. "Écloga II." In: PERRONE-MOISÉS, op. cit., p. 93.

revolucionária. Em 1914 tudo soa como uma revolução de superfície, porém sua partilha, do que supõe como seu EU em pedaços vivos e biografáveis do OUTRO, é experiência de risco capaz de provocar silêncio nos canhões do real.

Quer abrir a janela do quarto, do seu quarto de precária posse, e gritar: – Desconfiem da data! Desconfiem dessa quietude que impera no meu quarto enquanto os deuses dançam sobre ruínas! Desconfiem quando assinaturas dizem do segredo das criaturas! Desconfiem da vertigem ao se olharem no espelho!

Transforma-se na afirmação ditada pela febre da hora, mas tem consciência de que o OUTRO nasce das folhas escritas lançadas na arca. Os ruídos da vida do OUTRO nascem com os textos: o OUTRO é texto. O acesso ao OUTRO é o ápice do seu texto plasmado no fingimento, no trabalho manual de sua dor, que, escrita, é emoção estética, um drama em gente. Sentir o OUTRO vem com a face humana de um autorretrato refeito, sem imperfeições, regido pela proteção dos deuses longínquos a colocar sol na tarde fria de Lisboa, a zombar do sinistro dilema de 1914:

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério! O único mistério é haver quem pense no mistério.

O outramento se alimenta da perda do centrismo do EU em um mistério que, ao tentar coexistir com materiais disformes, penetra em um conhecimento pré-verbal que gera tensão permanente do ser e não ser. Um texto que, ao afirmar resistência, recebe a negativa da alteridade como uma metaexistência que atravessa, sem tangentes, o paradoxo da vida.

O quarto o asfixia porque o seu ar também é compartilhado. Toda a experiência incorpórea do seu outramento exige um ancoradouro tautológico para que o mistério assente no chão. A palavra exata só pode emergir da natureza que não sente, simplesmente é:

Graças a Deus que as pedras são só pedras, e que os rios não são senão rios, e que as flores são apenas flores.

O OUTRO surge inesperadamente e inesperada é a felicidade que com ele chega. A felicidade inesperada como antídoto de esperança, que por si só é decepcionada. Essa felicidade invasora, produto da heteronímia alquímica do seu ser, brota de uma lufada mais intensa de ar, de um apaziguar de paixões e de uma harmonia desarmônica com o mistério aporético de estar longe das respostas, do conhecimento, da ciência. Em 1914, denso

¹³ COMTE-SPONVILLE, André. *Bom dia, angústia!* São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 55.

¹² KRISTEVA, Julia. Sol negro: depressão e melancolia. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

nevoeiro. No quarto em Lisboa, um OUTRO, Mestre de todos os OUTROS, renega os passos marcados pela passagem do animal, esquece-se de todas lembranças que chamam de história:

A recordação é uma traição à Natureza.

O OUTRO despreza o lembrar, que é exercício medíocre de preenchimento, de artificialidade, de falhas e vazamentos. O OUTRO o ensina a sentir e a esquecer. O esquecimento como uma expurgação noturna, como um retorno lento após o mergulho na gênese. Uma aparição em meio ao desértico nada. Um sentido que dança com todas as ausências de sentido da vida:

 \acute{E} essa a única missão do mundo, essa — existir claramente, e saber fazê-lo sem pensar nisso.

No espaço do outramento, no pisar da madeira antiga da casa que não lhe pertence, na plateia estática dos deuses ao redor da sua cama, entende que vence apenas por ser vencido.

As sensações de um inédito sentir permitem o ensaio de gestos fortes que garantem a proximidade de uma natureza que não admite explicações, apenas se abre para um experimentar sinestésico. A objetividade que permeia o resgate de uma natureza rebelde e desafiadora desfaz todo e qualquer positivismo de análise. Gestos involuntários, interrupção do pensar da tradição. O silêncio dos esquecimentos são lados de um triângulo inflamado, EU, OUTRO e POESIA, a ditar um estar no mundo como presença e sensação:

O que penso eu do mundo? Sei lá o que penso do mundo! Se eu adoecesse pensaria nisso.

Quando sente calor no rosto (talvez a febre tenha se espalhado pelo corpo) toca a encruzilhada da sua vida e de seus emaranhados. A voz do OUTRO é também reflexo de seu sangue misturado de cristianismo e judaísmo pelo ramo familiar e dos ideais pagãos pela inclinação pessoal (pessoal? De quem?). A imagem do OUTRO é vertente da sua aguda sensibilidade, não só um processo psíquico de multiplicações, mas antes uma necessidade de texto, um clamor de ficção. Não há explicações. Há vida a reclamar texto, há transbordamento de vigor poético a exigir novos pares para uma diferente empreitada.

A data é brutal: 1914 inunda o tempo presente e chama por uma passagem fugaz, uma poesia que recupere o contato com a natureza renegada, repelida, falsamente domesticada pelo conhecimento. 1914 e suas sementes de morte. Quem irá pastorar palavras na catástrofe

da data? Ele esmorece. O OUTRO ganha força. A angústia que se amplia e dá acesso ao OUTRO. Acredita que a alteridade é tão incontestável que exige materialidade, exige até uma biografia. Os deuses abraçam seu corpo inerte e dão vida aos fragmentos pensantes dentro de si. Ouve o sino de uma igreja distante e lembra-se de uma casa em cima do monte na qual nunca morou. Acredita que se ausentou de si e tudo que toca encerra seu olhar adâmico.

Sente a alma leve, repleta de uma sabedoria de reconhecimento.¹⁴ A ação de reconhecer como competência arriscada um abismo onde se desmascaram as imagens forjadas pela consciência. Reconhecer como o ato de ir ao início, para o parto do mundo, para o pensamento despido dos excessos. O OUTRO o olha de dentro e o convoca para a partilha da natureza liberta de sua dissecação. A natureza viva e sem finalidade que não seja existir:

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!

Arrisca-se a acreditar que o OUTRO é sua aprimorada tradução a desenterrar uma constelação de achados que são, ao mesmo tempo, marcas arqueológicas e também vivências atuais em gestos e experiência. Como o oráculo que atravessa os tempos, ouve as palavras que desvendam o legado do OUTRO que se impõe: ser mestre, pastor dos pensamentos, voz profética a renominar a vida, criador de um não pensamento que se funda no sentir. 1914 é fatalidade. A poesia de seu outramento é novidade.

Abre a cortina na tarde de Lisboa e há força, pela primeira vez, no gesto de alargamento. Há um estranhamento nos olhos que não são seus. Olha a paisagem que o OUTRO admira. Não vê os telhados dos antigos casarios, e sim a invenção de montes verdejantes e um sol transbordante de luz. Não anda, levita alto no espaço fechado do seu quarto que, agora, não é quarto, nem ele é o que sente e vê:

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos... Se falo da Natureza não é porque saiba o que ela é, mas porque a amo, e a amo por isso.

Todo tédio e angústia do EU doente se perdem no OUTRO plasmado de luz e seiva natural. A natureza não pensa, não fia seu trabalho por sentido ou resultado. A natureza é o reduto que dá de beber às palavras essenciais. Pensar é fatiar, seccionar, catalogar, morrer... Sentir é libertar, ampliar, desordenar, viver... O caos natural é sentir todos os quadrantes e germinar opostos a pôr contornos na visão:

¹⁴ CAVELL, Stanley. *Esta América nova, ainda inabordável*. São Paulo: Editora 34, 1997.

Mas eu nem sempre quero ser feliz. É preciso ser de vez em quando infeliz para se poder ser natural...

Sentir e ver despido de ideias prontas, assim é a ficção do OUTRO e do lugar eleito: a natureza a produzir violências e desassossego. O perigo de permitir a invasão do OUTRO é a reviravolta de dentro para fora, a costura pelo avesso das sensações primeiras que desfazem as sensações premeditadas. A virgindade do vazio que se instala no não sujeito é o apagamento divinatório para ressignificar a sua própria constituição. Na tela de algodão cru o espaço oco de sua ausência e a presença do OUTRO. Duplicação sem simetria que faz do EU só um disfarce, máscara de tamanho impróprio, e do OUTRO potência de um caminho, esperança dos homens, poesia que nasce datada. É 1914, ele é o poeta que morre e ressuscita OUTRO. A angústia, sentimento velho como o mundo, nele é desejo de ser qualquer coisa que dele não se reconheça. Luta contra a realidade que a tudo polariza na ética pobre do bem ou do mal, do EU ou da inexistência.

Está cansado como se seu corpo não desse conta do movimento psíquico. Está alerta porque percebe, com o pouco que resta da própria percepção, que o OUTRO é a manifestação da sua existência múltipla e a demonstração de seu politeísmo, de seu paganismo atualizado que os deuses aprovam. Há rasgos no chão para desenterrar a trilha atemporal onde os deuses andavam de mãos dadas com os homens e com eles viviam em comunhão profana e divina:

E nesse puro momento todo limpo e sensível regressam lacrimosamente e com um suspiro que mal sentem ao homem verdadeiro e primitivo.

O OUTRO que não é ele, na sua reles ilusão de saber quem é, consegue ouvir e falar com os deuses que estão no seu quarto. A linguagem que se estabelece é incompreensível para ele, mas os diálogos se firmam em longas pausas e nos intervalos é possível saber que algo está se formando capaz de ser diferente de todas as palavras já proferidas em 1914 – não no seu quarto, não em Lisboa, mas no mundo que só consegue entender o que já foi dito:

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: — As coisas não têm significação: têm existência. As coisas são o único sentido oculto das coisas.

Todo o romantismo, que colocou véu nos olhos dos homens, destruído pelo OUTRO que não teme o enfrentamento com um pensamento que sempre começa novo e volta para as próprias coisas. O OUTRO é texto e de sua leitura herda-se o enigma que não admite

¹⁵ BENJAMIN, Walter. A modernidade e os modernos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p. 20.

interpretações. Há uma ética nas sensações que impede a sua descrição e, portanto, a sua autópsia. O OUTRO, que dele e do seu desejo se apodera, sacraliza o fingimento da arte e vem para saber da vida, somente pela própria vida, sem a trava dos excessos e descontroles que sempre o impediu de ver, sentir e viver: "Há entre mim e o mundo uma névoa que impede que eu veja as coisas como verdadeiramente." ¹⁶

Não pode negar que todas as suas desvairadas ações, como projetos patrióticos, editar obras literárias, criar revistas, fundar movimentos literários, são combustível somente para um excesso de impulso que paralisa, que embota o verdadeiro sentir.¹⁷

O OUTRO, experimento do seu não sujeito, existe tanto pela fragilidade essencial do seu EU quanto para ocupar a falta de ter um EU que desse vazão à carga poética em ebulição.

O lugar dessa falta é o espaço neutro da invenção. Sabe que o mundo da realidade é que contém as incertezas mais perigosas, enquanto o mundo da ficção contém as certezas de que precisa para viver. ¹⁸ Invenção e ficção potentes que guardam em si a tarefa do poema, que reivindica ser lido, uma vez, pelo menos, como escrito antigo. ¹⁹ Experiência solar a iluminar o desencanto da sua própria vida.

Lembra que, apesar de não ter se alimentado, o OUTRO lhe oferece uma estranha bebida. Bebe, em goles lentos, o saber sentido, quebrando os interditos da razão.

Embriaga-se com a novidade que transforma o quarto, os telhados de Lisboa, a crueldade de 1914. Sente a bofetada nas faces flácidas que já não sustentavam expressão – era repetição enfadonha de lições tolamente aprendidas. Os gregos inventados não têm medo do que os afasta do real e os transporta, sempre e repetidamente, para o lugar da modernidade. Lugar de metamorfose e estranhamentos. Lugar de crítica. Lugar de arte.

A natureza, em sua objetividade e materialidade nua, é a sua franqueza diante de uma época finda. Sua escrita não dá conta da sua intimidade que é enigma. O OUTRO, desregramento e indisciplina, tira-lhe o senhorio de si. O OUTRO é que tem coragem de abandonar a vida como artefato de utilidade. O OUTRO zomba da eficácia do mundo. O OUTRO, quem sabe mestre, quem sabe profeta, saído do álcool que agora ingere com sofreguidão, o barbariza com o gozo de uma liberdade que se pensa, e não se dá por isso:

Foi isto o que sem pensar nem parar aceitei que devia ser a verdade que todos andam a achar e que não acham. E que só eu, porque a não fui achar, achei.

¹⁸ KRAUSE, Gustavo Bernardo (Org.). *Literatura e ceticismo*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 89.

¹⁹ BENJAMIN, op. cit., p. 17.

¹⁶ PESSOA, op. cit., p. 39.

¹⁷ Ibidem, p. 35.

Seu corpo congela. Gesto de aceitação. Barco que parte para outro mundo seguindo um instinto augural, divinatório. O vazio de si espera pela possibilidade de um poema. Preenchimento cheio de temor e apreensão – prazer disfarçado de agonia. A possibilidade do gesto artístico inunda o quarto como um susto no meio da noite. Pausa e som comungados pelo impossível de ser as duas coisas, mas acontecendo assim. Não pode se distanciar da tarefa que não é imposta a ele, nem ao Outro, e sim imposta ao próprio poema. O poema é seu (ou dele) projeto impossível que avança sobre os dois. É preciso um desatino para responder ao vocativo que habita em chão coberto de ervas daninhas, que não só escondem, mas também mentem, sobre a fertilidade de nós mesmos. É 1914 e não há explicações líricas ou poéticas para o poema que quer surgir. O que explicam o poema são, pura e simplesmente, a grandeza e a seriedade da tarefa contida nele mesmo.²⁰ O poema não precisa de 1914 nem da existência histórica do mundo. O pressuposto do poema é de nada propor além do tracejado de si próprio a capturar o espírito do mundo que testemunha, mesmo antes de surgir. O poema é anterior – partícula viva, mas distante da visão do seu criador, distante do instante particular, distante do tempo linear que sepulta os séculos como resíduos de memória e esquecimentos. O poema é o arcaico dos sonhos de todos os homens, que, permanentemente, o escrevem e o recitamos com gesto humano de estar com os deuses.

Da mais alta janela da minha casa com um lenço branco digo adeus aos meus versos que partem para a humanidade.

O Outro o acolhe. Uma mão leve é sentida sobre seus ombros e a corporeidade do afago é lição para apreender a figura que dança aos olhos e que dá contorno à verdade do poema. A verdade da poesia que não nega que é corpórea na objetividade do gesto que realiza a tarefa artística. Recebe, sob impacto, as palavras que estavam latentes na emergência que deriva no Outro: poetizar é arte de iniciados, arte oculta que funda o mundo porque é tarefa do enigma desse mesmo mundo²¹, metamistério que ao se desdobrar acresce o assombro.

Sou o Descobridor da Natureza. Sou o Argonauta das sensações verdadeiras. Trago ao Universo um novo Universo porque trago ao Universo ele-próprio.

O Outro é a confirmação de que o espírito e a intuição se amalgamarão à vida ordinária para dizer o que ainda importa. Em 1914 a vida aplicada e eficiente soterrou a

-

²⁰ Citação de Walter Benjamin no ensaio "Dois poemas de Friedrich Hölderlin" em: LACOUE-LABARTHE, P. *A imitação dos modernos: ensaios sobre arte e filosofia*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 287.

²¹ Ibidem, p. 289.

magia, a natureza, as forças do cosmo em seu estado bruto. Do que fala 1914? Fala de morte. A vida se esconde no silêncio que espera. O Outro assume a missão e o seu risco.

1914 é texto de ameaça. A poesia do Outro quer ler o mundo e firmar-se na coragem de ser também Outro texto. Outro texto capaz de mediar a comunicação entre deuses e homens, expondo-se à destruição. Coragem e heroísmo no texto do Outro, avesso do heroísmo de 1914.

Ele mergulha no âmago mítico dessa qualidade: coragem. Não sabe dizer se é pela impetuosidade do Outro ou se por não ter como fugir mais de sua eterna paralisia diante do que pensa e não realiza, a coragem passa a ser figura de existência palpável, a dar testemunho do Outro que vem agir, ditando luz e vida. O Outro é projeto inadiável que aceita a data: é 1914.

Onde habita o gesto de coragem? Pergunta que não termina e que rejeita a resposta que encerre um texto, não encontra eco nele, e sim no Outro. A morte dele já se anuncia nas paredes nuas do quarto. A morte de si é o seu destino. A morte a partir da qual o mundo do morrer poético deverá nascer.²² Morte que, na sua tangibilidade com o sacrifício, traz até ele, no quarto de uma Lisboa que é polis, o mundo grego que inventa e que lhe empresta as figuras atemporais dos deuses. O Outro é o seu intérprete. A língua de sua coragem é falada na Grécia antiga e na Lisboa que agora habita: espaço de metamorfose que o poema provoca. O poema em sua potência de vida é força para intermediar deuses e humanidade, humanidade e morte. É 1914. O perigo que a coragem, não a dele, e sim do Outro, despreza. Dele apenas a casca inerte, a carne flácida que não resiste ao vigor do desejo. No Outro o gesto deliberado de luta e resistência. As palavras do Outro não se confundem com a confusão do mundo, com a tagarelice que espalha veneno a matar o sentido e os mais profundos significados. Objetividade e clareza. A poesia que precisa ser sóbria e não teme ser prosa. O perigo do mundo escondido nas rimas forçadas, fortaleza fria de sílabas envergonhadas de sua prisão. Ele também se envergonha da sua tola vaidade de rimas perfeitas.

E há poetas que são artistas e trabalham nos seus versos como um carpinteiro nas tábuas!...

Rimas e cadência à beira do abismo. Segura a mão do Outro e sente que ele é melhor do que nunca fora. Não tem mais dúvidas de que o Outro é o seu Mestre:

²² Ibidem, p. 292.

Mas graças a Deus que há imperfeição no mundo. Porque a imperfeição é uma coisa, e haver gente que erra é original.

Imperfeição. Arestas que ferem. Peças sem encaixe. De repente, a vida que merece a pena não encontra sua expressão. Lembra-se novamente dos deuses e de suas abomináveis vinganças. Eurídice sequestrada de Orfeu pela luxúria divina... Os deuses sempre negaram que sua divindade fosse a virtude defeituosa de um olho só. O sublime reside na imperfeição. Em 1914 os homens se pensam honestos, bem-sucedidos e bons. Tristeza de seres incompletos e ressentidos pela condenação de se tornarem o que não são:

Louvado seja Deus que não sou bom...

Coisas inertes. Decadência de uma moral frouxa. Ordem asfixiante no engano de dar equilíbrio à sua própria desfaçatez. O Outro é a sua pantomima. Gesto vivo de uma poesia profética que não se intimida diante da tarefa que é a palavra por nascer. Coragem vestida pelos deuses que retornam. O Outro e os deuses prontos para devolver à natureza o texto de sua violência e quietude. A natureza que o Outro evoca é também gesto de musicalidade inédita. Ele, no limiar de sua frágil consciência, resigna-se na sua inabilidade de produzir texto das pausas musicais. Nos intervalos de silêncio a linguagem cifrada dá as costas para uma metafísica tortuosa, cheia de explicações que só dão conta do que já morreu. Autópsia do mundo. O Outro, e sua prosa poética a encerrar, em um círculo puro e tautológico, a vida que ainda resta intacta dela mesma, é o Mestre que ele nunca esperou. Messias inesperado como o são os maiores acontecimentos:

Uma flor acaso tem beleza? Tem beleza acaso um fruto? Não: têm cor e forma e existência apenas.

Volta o rosto para encarar o Outro. Sem espelhos que invertam a imagem. O Outro é ele quando sabe que não é ele. Perturbador pensar que só tem vaga ideia de quem é quando nega quem seja.

O Outro e a coragem do texto que se homologa só pela possibilidade, pelo pressuposto de luminosidade e leitura. Prosa em luta pela poesia de desnudamento e enfrentamento. Em 1914 ninguém está nu. Os casacos das certezas são postos em camadas para dar conta do frio de fora. Mas o frio vem de dentro. O incômodo está em lugar ignorado, submerso e inacessível a paliativos. O Outro está em mangas de camisa e toma sol na natureza que é o que é. O Outro saudável e liberto. Ele tem febre e quer dormir. Dormir para dar passagem ao

enigma que mora em si no agora sem tempo da sua hora. O que sabe é que do Outro virá o gesto de aproximação do mundo com o mundo que corre na fronteira. Mundo grego ou não, mas espaço de apreensão do estranhamento do ocidente. 1914 e a viagem insana de Ulisses. Dimensões que se cruzam no caminho poético de resgate. Haverá resgate para além do oceano conhecido? Metáfora do homem: desbravamento do que não é visto, do que não é conhecido, para fundar o que está por vir. Está por vir um poema, uma tarefa a cumprir:

Pelo Tejo vai-se para o Mundo. Para além do Tejo há a América e a fortuna daqueles que a encontram. Ninguém nunca pensou no que há para além do rio da minha aldeia.

Para além do rio da minha aldeia. Ele, tão avesso a fazer viagens. Depois do retorno de Durban todos os seus passos se limitam a Lisboa, à polis. Não quer admitir que tem medo de se submeter a um novo reconhecimento. É quase impossível dizer quem é. Agora sente que Lisboa também será do Outro e o Tejo transborda os seus limites para o além, em busca de novas fortunas. Que fortuna é a sua, sob o céu grego de uma Lisboa transfigurada e irreconhecível? O Outro está disposto a fundar o que permanece e se coloca, assim, à disposição do transcendente, do sagrado.²³ O Outro é capaz do ato heroico de recordar, de trazer a natureza antiga para a memória dos homens. Nessa memória reside a ligação carnal com os deuses. Quanto perigo em ser aquele que recorda dos deuses que estão no passado da humanidade! O apagamento dessa memória fez a todos sonâmbulos. Ele também sempre preferiu não lembrar. E se lembrasse era sonho inofensivo de algo que não exigia ação.

O Outro quer ação de sua voz no poema, que tem data e que é exercício de coragem e verdade. Em 1914, na Lisboa, sede de si, a coragem emana do texto do Outro. Ele está sendo punido por querer esquecer. O Outro recorda e recoleciona o que não está lá, no quarto frio que é dele, portanto posse precária do que não existe. O Outro recoleciona objetos em Lisboa e os põe no mundo. O Outro lhe concede o que 1914 nega a todos: um texto que recorda e é antigo na sua presença atualizada do agora:

O Tejo tem grandes navios e navega nele ainda, para aqueles que veem em tudo o que não está, a memória das naus.

História sem historicidade. O poema que virá é político na sua universalidade e quer verdade. Não por motivos catalogados e analisáveis. A verdade do poema é o seu desafio ao estranho que ronda Lisboa. Desafio às cabeças dos bárbaros que espreitam nas planícies

²³ WERLE, Marco Aurélio. *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: Unesp, 2005, p. 134.

limítrofes. A ameaça se adensa para os que vivem no interlúdio. Entre civilização e barbárie. Fora dos "ismos" que protegem uma época. O vento que sente no rosto é sinal de que o mundo se ampliou ou que alguém abriu uma janela estreita. A janela é o poema e a tarefa que se impõe. O Outro também é poeta como ele. O Outro não é "biografável". Não tem vida a justificar pensamento. O Outro é a ética do seu texto. Novamente, seriedade e concisão. O poema vem no ventre de palavras secas como deve ser a tarefa a serviço do mistério.

Tão distante dele, o Outro não o ensina. O Outro o salva. É 1914 e o sublime, lado a lado com o horror, dá a dimensão do sagrado demasiadamente humano. Os deuses ainda estão lá, na tarefa do poema do Outro. No chão do seu quarto a escavação que encontrará os sítios de Atenas como nunca foram. O moderno que se potencializa quer se aproximar da Antiguidade para que o seu material, futuramente, a ela retorne.²⁴ A feição da Antiguidade é a face do Outro que reivindica ser lido como antigo, para, depois, ditar o que ainda não se viveu:

Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras coisas (...). Mas os pastores de Virgílio, coitados, são Virgílio, e a Natureza é bela e antiga.

A modernidade profética do Outro está inscrita no suicídio dele, aquele que se apega ao sono para não lembrar a palavra do poema que teima em se rebelar. Suicídio que não é renúncia como gostariam os românticos, mas paixão heroica à sombra dos modernos – decisão e ação são as insígnias da sua morte e do nascer do Outro. O heroísmo do Outro não é lírico. Não ignora 1914 e o lixo dos homens. O heroísmo quer um projeto de poema-prosa, texto de inauguração. Lembra-se da frase de Schelling: "Os filósofos, em suas visões, tornaram-se natureza." Renega, de imediato, essa simbiose. A natureza nos foi tirada por nossas construções metafísicas antinaturais. O retorno é penoso. Até mesmo o Mestre, o Outro, quando adoece do mal do século passado, tende a se distanciar da tarefa por si só. Até para o Outro é difícil viver sem analogias ou sem a covardia das comparações. Difícil perceber a vida como fim em si, nada mais:

Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois que vem a chiar, de manhãzinha cedo, pela estrada.

O perigo é tanto que o Outro quase também sucumbe. Ele percebe e, com a tênue força que lhe resta, tenta ampará-lo. Mas como? Quantas vezes ele também não tropeçou nas

²⁴ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 38.

²⁵ Cf. Schelling, citado em: MERLEAU-PONTY, Maurice. A natureza. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 77.

idealizações, nos desejos que não eram desejantes por ele. Tenta dar de beber ao Outro para encorajá-lo. Não tem certeza se a bebida alguma vez fomentou nele coragem ou, tão somente, o fez dormir. O Outro não pode dormir. O texto já se agita como existência real sobre a velha cômoda. A arca, mágica e sedutora, está aberta, pronta para receber seu botim.

A realidade de 1914 dobra-se em forma de escudo protetor. A pele dele está arranhada pelas unhas do Outro. Há sangue que não escorre, só anuncia um vermelho de ferida que lateja. Por dentro. Precisa, de alguma forma ainda ignorada, protegê-lo: o Outro já é agora o que sabe que nunca será na vida – o inexperiente, o infante, o pasmo essencial. E pronto. E basta. E é tudo. Reconhecimento da virgindade do sentir.

Ele e o Outro em 1914. O que está por surgir, ditame poético por si só, é luminoso em sua simplicidade. O Outro e o seu perceber desinteressado a dar por conta da finitude das coisas, da impossibilidade de ditar sentido e ordem à vida:

Bendito seja o mesmo sol de outras terras que faz meus irmãos todos os homens, porque todos os homens, um momento no dia, o olham como eu.

E tudo está posto como uma mesa limpa de pratos gastos e comida quente. Ele e o Outro unidos e envolvidos pelo sublime e sagrado da hora. Ele recita em voz alta para o Outro as palavras de Goethe que brilham na parede do quarto que os vê abraçados: "O que é o sagrado? É o que une diversas almas, mesmo de modo leve, como o junco prende a coroa."

Ele e o Outro como almas unidas pela linha tênue do paradoxo que não é contradição, e sim trilha para estar mais perto do enigma. Almas unidas em lugar insólito, percurso entre dois mundos que permeiam o exílio. Experiência kenótica que permite a ele a sensação do vazio; ao Outro sua existência, e entre ele e o Outro somente a ligação de um junco fino. Gesto de fronteira, espaço de tensão e criação.

Pela primeira vez admite a ideia da dissociação como cura e criação. Cura como força da natureza, e não força da civilização. A doença da civilização em 1914 e seus ícones de beleza, limpeza e ordem. Ele e o Outro agora unidos como almas inscritas na esfera do sagrado, na coroa da modernidade: à procura da beleza do jamais visto. E 1914 monolítico – ratoeira a caçar o Bem e o Mal. O Outro só poderia ser um deus menino, imagem a zombar do Bem e do Mal dos homens e dessas ruínas brincar com algo novo e infante.

²⁶ Dístico de Goethe, n. 68, da série intitulada Outra Estação 1977, p. 263.

²⁷ BORGES-DUARTE, Irene. "O tempo do cuidado e o tempo do mundo. Um núcleo conceptual heideggeriano." In: *Razão e liberdade*. Lisboa: C.F.U.L., 2010.

O quarto fica pequeno porque o Outro brinca e ri. Criança solta, ponte de fuga do mundo cansado da harmonia do mundo.²⁸ Entende melhor agora a premonição de que o Outro seria seu Mestre. O Outro é um menino travesso a desafiar os absurdos do mundo caduco. Mão de inocência a inventar transcendência. Corpo frágil que protege, em eterna vigília, o mistério da vida e da poesia. Mais uma vez se surpreende pela coragem do Outro que é menino a rolar bolas coloridas pelo chão de terra batida que já não é mais o chão do seu quarto.

É 1914 e Deus é inquestionável, institucional, imóvel na cruz e na religião.

Pensar em Deus é desobedecer a Deus, porque Deus quis que não o conhecêssemos, por isso se nos não mostrou...

Percebe que o Outro é alegria e serenidade. "Toda alma feliz é panteísta"²⁹ porque sente a presença de Deus na existência das coisas. Deus em múltiplas formas e com todos os nomes, enfim, Deus e Natureza, simples essência, sensação profunda.

Sensação. Criança da sua própria sinestesia, o Outro somente abre os olhos, enquanto os dele ainda dormem, atimia do seu pensar. Para o Outro é véspera de verão e o seu sentir antecipa o sol de amanhã. 1914 é uma prisão invernal: todos fecharam as janelas.

Paganismo. A consciência atávica de homens e deuses faz emergir a cena primária da qual somos herdeiros. Vinculação ao mito, aos primórdios, ao centro do mistério atemporal que nos assombra. E que assombro maior haverá do que no enfrentamento da face de Deus dentro de nós? O Outro agarra seus cabelos e o obriga a diminuir os hiatos que o separam da natureza. Os versos brancos, livres, são uma exigência. Estar à altura do Outro é superar gestos de moral ou de conhecimento. Precisa entender a linguagem sem fundamentação do Outro que é menino. Não! Não precisa entender. Versos e deuses nada mais são do que pedaços de absurdos a dar outro sentido à vida. 1914 é abismo sem sentido.

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o. Sou místico, mas só com o corpo. Minha alma é simples e não pensa.

Sente uma aragem fresca da manhã. Mas já é tarde na Lisboa que anoitece em 1914. Simplicidade. Por que sermos plenos em nossa humanidade ainda é pouco? Nunca confiou em

²⁸ Ler capítulo 3 em: OSAKABE, Haquira. *Fernando Pessoa. Resposta à decadência*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

²⁹ Frase de Machado de Assis no livro *A mão e a luva*.

ambições divinas. A frase de Montaigne irmana-se com o Outro: "Aqueles que tentam alçarse acima do que é humano conseguem apenas cair no subumano." ³⁰

Quando os homens se sentem deuses ou quando os deuses não negam serem homens toda a grandeza de existir se adensa e torna-se uma energia pulsante que nos faz avançar, não importando o terror da nossa finitude. Fábulas, narrativas míticas, poesia — estórias criadas dentro da nossa própria estória. Metaficção de sobrevivência. Ele precisa sobreviver. Em 1914 poucos sobreviverão.

O medo o atormenta e o Outro o carrega no colo e lhe concede o antídoto milenar contra o medo dos homens diante de sua finitude: conta-lhe, embalando seu corpo, uma estória:

Num meio-dia de fim de primavera tive um sonho como uma fotografia. Vi Jesus Cristo descer à Terra.

Veio pela encosta de um monte tornado outra vez menino, (...).

Tinha fugido do céu. Era nosso demais para fingir da segunda pessoa da Trindade.

No céu era tudo falso, tudo em desacordo com flores e árvores e pedras.

Uma estória de versos lentos, seguindo o percurso do sol em céu claro. Antídoto contra o mundo sem respostas. Quando não sabemos as respostas, nós as inventamos poeticamente.³¹ A estória continuou a fluir na boca do Outro e o corpo dele se tornou menos rígido ao contato. Salvação e redenção no declamar da criança no mundo. Superação do medo, frases do impossível a rodopiar no olho do furação e a fazer nascer um "cristinho menino" despido do peso de zelar pelo desatino da imortalidade de nossas almas. Coragem heroica de dizer outra coisa em um mundo de repetições. Vida que vale a pena e que reside na poesia que o Outro ainda lhe sopra aos ouvidos:

A mim ensinou-me tudo. Ensinou-me a olhar para as coisas. Aponta-me todas as coisas que há nas flores. Mostra-me como as pedras são engraçadas quando a gente as tem na mão e olha devagar para elas.

Ele e o Outro se uniram em sua dissolução. Almas que ensinam e aprendem juntas. Brevidade de contato, intensidade de sensações. Antes, quando o Outro exigiu presença, acreditou ser um engano de seu sonho torto na manhã fria de Lisboa. Agora a dúvida cede espaço para sua verdade criada. Por que desacreditar de sua invenção? O Outro carrega o seu

³⁰ MONTAIGNE. *Os ensaios: uma seleção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 511.

³¹ KRAUSE, Gustavo Bernardo. *Livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010, p. 26.

melhor e atinge o âmago e sua própria tragédia: encontrar o seu melhor na certeza de que não é ele.

Tudo para ele é incompreensível. A poesia do Outro precisa ser incompreensível! Luta, junto com o Outro, contra toda possibilidade de redundância e compreensão. Em 1914 todos acreditam que compreendem e que podem explicar o que está acontecendo. Ele e o Outro vão na direção oposta e, unidos no desconforto de seus desdobramentos, só querem sentir e negar o que sentem para sentir de novo e sempre diferente...

Só a Natureza é divina, e ela não é divina...

Ele e o Outro. Almas com delicada ligação. Juntos no espanto de serem dois. Ele e seu Mestre dentro dele. Junco que os une no sagrado de ser e não ser. Poesia não escrita, só sentida e vivida:

Quando eu morrer, filhinho, seja eu a criança, o mais pequeno. Pega-me tu no colo e leva-me para dentro da tua casa.

A Hora. Instante esperado em ubiquidade: o poema que está por vir, está em toda parte, concomitante com ele, com o OUTRO, com tudo e sempre. A Hora. Todos os relógios e calendários logo devem ser despedaçados ou proibidos. A tomada de si pelo OUTRO é o vocativo do caminho que sua poesia em estado latente quer trilhar. Gesto largo de liberdade que atinge o mundo pelo simples contato despojado do OUTRO, que olha como testemunha da presença do absurdo no útero do que é humano. O processo é ciclo acabado. Ele é lança que já seguiu o curso do seu destino. Não há volta para os dedos o ato que fez vibrar a seta no arco. Há o alvo ao longe que não sabe se vai ser atingido, mas o impacto já foi desferido no traçado da seta que se desprendeu, livre e destemida. A Hora é imprecisa na sua precisão de arte. Os poetas lidos e não lidos, mas cuja leitura também lhe chega, estão juntos na confraria da Hora. Rilke fala:

Vai-te para longe de mim, hora. O bater de tuas asas me excrucia. Mas de minha boca, que fazer agora? E da minha noite? E do meu dia?

Eu não tenho amada nem abrigo, Sequer um lugar para viver eu tenho

³³ Ibidem, p. 168.

³² Ler "O meridiano" em: CELAN, Paul. Arte poética: o meridiano e outros textos. Lisboa: Cotovia, 1996.

Todas as coisas em que me empenho Tornam-se opulentas e acabam comigo.³⁴

A hora é alternâncias de iambos. Tempo breve seguido de tempo longo da espera do poema. Sua vida nunca se concretizou porque foi a espera do poema. A espera foi maior que a sua vida. A espera foi a explicação desinteressada do seu corpo imóvel no quarto. Sabe que correu o perigo de se desmantelar no tempo sem medidas da espera do impossível. O Outro surgiu dele por ser parte ainda capaz de prosseguir, de dar direção.

Estranho de si, o Outro é o encontro com a sua débil estranheza que esperava. O Outro estranho e a estranheza dele diante da Hora. Talvez haja sempre duas estranhezas, uma ao lado da outra. ³⁵ A embocadura das duas estranhezas é o caminho a ser percorrido pela poesia.

Que pensará o meu muro da minha sombra?

Em 1914 a poesia é a mais estranha de todas as estranhezas. O criador e a criatura se comprometem no encontro do verso esperado. O espaço que é ocupado pelo estranho é a cessão do EU desprendido em função do gesto de arte que busca o encontro radical com o Outro.

Busca do outro é o caminho da arte que a poesia trilha. O poema que ainda não existe é dirigido ao Outro, irmandade que liberta e que fala em prol do estranhamento e da diferença. O Outro é compreendido na sua diferença e é acolhido pelo verso livre dedicado à largueza do outramento.

Saúdo a todos os que me lerem, tirando-lhes o chapéu largo quando me veem à minha porta mal a diligência levanta no cimo do outeiro.

A hora é tardia. No abrigo do olhar dos deuses o poema é a certeza de que, ao se dirigir ao Outro, estabelece um diálogo. Uma escrita que fala e que é conexão.

O poema, mesmo o que ainda não foi escrito, é fala antecipada. O poema que ainda não veio fala de seu ditame poético e responde somente por si mesmo – gesto artístico que encerra em si sua finalidade inexistente de estar no mundo. Mas a data, a inscrição que paira no cerne do poema que vai surgir, não pode ser ignorada.

É 1914 e o poema tem destino traçado pela irrefutabilidade da data, que torna tangível e inadiável a sua presença.

3

³⁴ RILKE, Rainer Maria. *Poemas*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012, p. 101.

³⁵ CELAN, op. cit., p. 176.

³⁶ Ibidem, p. 177.

O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

É 1914 e o poema que quer irromper terá a égide da data. Todo poema é datado.³⁷ Todo poema inscreve nas linhas de seus versos a data que lhe dá carne e materialidade de permanência.

Passo e fico, como o Universo.

Ele, o Outro e um outro diferente alcançado pela poesia que segue o imperativo de ser arte, que promove encontros e está a falar em prol de um Outro completamente diferente.³⁸ Ciclo de estranhezas que se afina com o familiar e com o totalmente desconhecido. O outro não se posiciona como desconhecido alheio ao que se passa, e sim um outro, que é próximo em sua estranheza e inacessibilidade e para quem o poema transborda e cria irmandade e união.

Em 1914 há um poema que espera e espreita para dizer de outra coisa, e ao dizê-lo lança seu olhar acolhedor e libertador. Olhar enviesado da arte a redimir sua data. Redenção diante do olhar do outro e só diante desse olhar estrangeiro é que o indivíduo se desdobra responsável e lhe vem à ideia o Infinito.³⁹

Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes à sua estupidez de sentidos...

O quarto começa a escurecer, mas brilha, no canto, o olhar do Outro que quer buscar um rosto, ultrapassando a ideia do outro em si, para perceber o outro, mais estranho, mais estrangeiro, que olhará, a ele e ao seu Outro, face a face, e desse gesto brotará a poesia que precisa vir. Desse gesto, inaugural em sua essência, o poema que ainda não foi escrito já é presença no mundo. Arte libertadora e fundante: "Só a arte é útil. Crenças, exércitos, impérios, atitudes, tudo passa, só a arte fica, por isso só a arte vê-se, porque dura."

Ele, forma fluida moldada pelo Outro, quase já não consegue se lembrar de seus próprios pensamentos. Corpo atravessado pela Hora, presença de poesia potente que ilumina a data. O poema do Outro é dedicado a ele, que também é rosto à espera de reconhecimento.

10en

³⁹ LÉVINAS, E. *Humanismo do outro homem*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 108.

⁴⁰ PESSOA, op. cit., p. 262.

³⁷ Idem.

Sabe que se aproxima a Hora da entrega final, do mergulho cego no abismo desconhecido de uma poesia que não é sua porque é do Outro, que reivindica a escrita de um poema absurdo e absoluto. Poema impossível que não existe. A cabeça dele dói, rodopia e se surpreende com o chão a fugir-lhe dos pés: "Só quem anda de cabeça para baixo tem o céu como abismo."

Pensar incomoda como andar à chuva quando o vento cresce e parece que chove mais.

O impulso é vital. Ele, que fugia do agir para pensar, se depara com o Outro que clama pela revolução perigosa de sentir, inspiração da poesia que é vida e luz a clamar por novo destino. O poema levado às últimas consequências. Deflagração e comunicação com o universal. Poesia feita para o mundo, e não para o quarto que anoitece na Lisboa febril de 1914. O Outro se expande na vivência de uma existência autêntica e independente. Criatura maior, sempre maior e mais significativa do que seu criador. O poema é o que fica no *ainda-e-sempre*. 42

Essa instância de permanência abriga a direção do poema e sua transcendência: "o além de" que supera a escrita, a linguagem. O "além de" intangível que é matéria do poema, mesmo do que ainda não foi escrito. O ar se modifica pela energia mágica do poema que está centrado no desejo de ser escrito. Desejo que é o poder dos homens em seguir em frente. Desejo que é a marca dos deuses no sopro vital da humanidade. A Hora é o encontro. 1914 e seus desencontros são a data do poema. O poema e sua atualidade perpétua em 1914, para sempre... Aparição no mundo gasto até o fastio, o poema não se nega a existir, mesmo ainda não escrito.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores? (...) Mas que melhor metafísica que a delas, que é a de não saber para que vivem nem saber que o não sabem?

Ele e o Outro agora se igualam na submissão ao poema. Fala vigorosa que tem vida própria e desobediente. O quarto, altar de criação, já não é quarto, e sim natureza bruta em sua violência de cores, sons e espaço indomável. O poema torna tudo indomável e fora de controle. 1914 e seu controle estúpido e inútil. O poema quer diálogo com sua data, mas ele não é história ou tempo marcado. É matéria sem definição que a tudo abraça. Jogo de luzes que cega a escuridão. O poema é vida oculta que não almeja decifração. Segredos sobrepostos

-

⁴¹ CELAN, op. cit., p. 176.

⁴² Ibidem, p. 178.

e enigmas que jamais serão revelados, mas que precisam irromper para conceder desafio ao desejo.

1914 é ordem e espaço esterilizado a demolir o desejo e a matar os homens. 1914 é a mais vil vingança dos deuses, punição pelo esquecimento no império da ciência! Fatalidade que quer emudecer a poesia. Em Lisboa, ao anoitecer, em 1914, o poema quer reestabelecer o diálogo louco e desconexo com o mundo. Projeto ambicioso de expressão do sensível, e não do intelectual. Fala que só quer o estreito caminho dela mesma. Poema em si, estranheza que pode libertar no outro, o seu rosto humano.

Ah, os nossos sentidos, os doentes que veem e ouvem! Fôssemos nós como devíamos ser e não haveria em nós necessidade de ilusão... Bastar-nos-ia sentir com clareza a vida (...).

Ele observa a inquietação do Outro que caminha, com passos nervosos, a trilha curta do pequeno quarto. Quanta grandeza na espera do poema que não sabe se virá, mas que virá. Sente os dedos trêmulos e a cabeça que lateja. Ele não pode abraçá-lo ou consolá-lo. O poema exige solidão ao seu criador. Provocação antes da entrega final. Purgação e exorcismo. O poema é um encontro marcado sem certeza de acontecer, mas com a exigência da expectativa que admite adiamento. 1914 também é um encontro certeiro que exige comparecimento.

O poema é um caminho, mesmo negando ser uma direção. Salvação de uma morte prematura, ele e o Outro afastam-se e esperam o primeiro traço fino de tinta sobre o papel para iniciar o ritual de volta à casa, âmago das coisas, alma do mundo.

Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa na cara dos meus sentidos, e eu fico confuso, perturbado, querendo perceber não sei bem como nem o quê...

Ele e o Outro no lugar onde o poema vai travar o diálogo com a sua data. A alteridade e seus esconderijos cheios de invisíveis rastros. 1914 é morada do EU, e essa morada é guerra, a origem do que somos. Violência e guerra são a lei do EU, são o que o definem. 1914 é o ser entregue a si mesmo, sem o outro. Sombria lei que consome os homens no terror do aprisionamento e da solidão.

Ele não teme a evasão de si e rompe com a totalidade sem abertura: o Outro já é um rosto que amplia o seu ser e o prepara para o inesquecível momento. Desdobrar-se é a sua ética heroica, a transcendência que é lugar de arte. Metáforas e tropos tomados em impensada dimensão. A concretude do Outro é a certeza de que o poema é capaz de quebrar os gestos de

⁴³ Citação de Lévinas em: SEBBAH, François-David. *Lévinas*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009, p. 46.

cerceamento de sua tarefa: romper com a domesticação do mundo e devolvê-lo para o colo protetor de sua humanidade.

O poema é o Outro e para outrem se dirige. O gesto heroico e o rosto do Outro devolvem aos homens o Infinito e uma ética que abomina a totalidade e o absoluto cego do narcisismo sem compaixão. 1914 é a data da lei do EU, guerra asfixiante, mas quando "as armas voltam-se sempre contra aqueles que as seguram".

O tempo poético não se compromete com 1914. O lugar é o quarto frio em Lisboa que é mais do que a paisagem triste da janela. A tarde chega e o cansaço dele é prova do seu esforço em esvaziar o seu desejo pensante de ser alguém. Desejo que, por definição, é decepção. Abre o peito e o ar entra em seus pulmões, mas não é ele que respira... O Outro, Mestre de si mesmo, ocupa todo o seu corpo e cria sentido para a sua vida. A destruição de sua identidade é a mais espantosa e aterrorizante experiência. O vazio impõe vida nova que também é sua. Prazer e horror na imagem projetados para além do plano da imanência. O corpo é a sua ipseidade mais singular. Há paz no movimento que se projeta para além do ser.

Trago ao Universo um novo Universo porque trago ao Universo ele-próprio.

O Outro, como presença, desestabiliza o mundo. A poesia não tem medo de interromper o sono dos homens. A ética do Outro exige contato e é a forma de luta contra as estratégias de captura e isolamento. 1914 é armadilha do egoísmo e da clausura. Lei e conhecimento a afastar a contemplação plena do rosto – encontro para além do EU. 1914 é exigência de verdade. O poema por vir é a exigência de paz. A exigência de paz está acima da exigência da verdade. 45

Vou escrevendo os meus versos sem querer, como se escrever não fosse uma coisa feita de gestos, como se escrever fosse uma coisa que me acontecesse como dar-me o sol de fora.

Sabe que está morto. Há na sua morte um elemento de transcendência e de contradição: nunca sentiu tanta vontade de viver como quando se sentiu morto em si e poeta no Outro. A sua morte tornou clara a imprecisão do seu EU. EU pronome. Pronome que não é simplesmente uma ideia confusa e de difícil definição, mas sim a indicação de uma pessoa que o nome não comporta nem suporta. EU, situação provisória que se esfacela pela renúncia em prol da existência do Outro. O heroísmo da sua morte só é percebido pelo poema que quer

-

⁴⁴ Citação de Lévinas em: Ibidem, p. 54.

⁴⁵ SEBBAH, op. cit., p. 52.

nascer. Nascer sem finalidade ou motivação. Nascer como o pensar poético que só se define negativamente, só se funda pelo que não é.⁴⁶ O pior de 1914 é ser uma afirmação imune à dúvida.

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o. Sou místico, mas só com o corpo. A minha alma é simples e não pensa.

O Outro entende a natureza com os sentidos. A beleza e a sua intrínseca tautologia de ser bela como uma exterioridade. Lembra-se do temperamento de arroubos dos deuses. A inveja que sempre sentiram da nossa mortalidade, da nossa imperfeição e, principalmente, da capacidade dos homens de gerar o belo por si mesmos, a arte e a sua missão de não ser útil. Homens e a sua curta vida, que nos faz deuses fora do Olimpo. A catástrofe da finitude é que nos abre os olhos para o sentir do mundo que nos habita e que por nós é habitado.

Sempre a natureza dirá mais do que ela é, e o acréscimo será a poesia que ainda não foi escrita. O não humano que também não é divino. O hiato entre o EU e o OUTRO. Há pausa e uma linguagem inaudível.

A arte é sempre o vestígio do que não somos e do que os deuses também não alcançam: o não captado que é enigma a governar o mundo para além dele mesmo. O Outro não celebra a comunhão no Cristo herdado. Pagão moderno a celebrar a multiplicidade como experiência de risco no enfrentamento do dogma e da unicidade. Deuses e o poeta Outro unidos no rompimento com a narração, com a realidade fatiada em capítulos devidamente domesticados com início, meio e fim.

A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia. E o Espírito Santo coçase com o bico e empoleira-se nas cadeiras e suja-as. Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.

A poesia que quer eclodir pretende ser o mundo e não a representação dele. Em 1914 há analogias e discursos de fáceis frequências. O profundo precisa ser buscado como garantia da vida que ainda merece a pena ser vivida.

Sabe que já bebeu demais porque agora seus pensamentos tomam forma na escrita prometida pelo Outro. Sensações colhidas pelas suas retinas são recolecionadas na enervação do olhar do Outro. Ele olha e o Outro vê. Ele toca e o Outro sente. Duplos que não se simplificam na exata completude. Diferentes, duplos que se afastam para se olharem como rostos de acolhimento a caminho do gesto de arte. Só o gesto artístico abriga o EU e o

⁴⁶ NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia*. Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 25.

OUTRO na máxima de suas sensibilidades, na procura de uma arte sublime. O Outro traz luz e uma natureza que é imune à decadência. O Outro dá as costas a 1914 e enlaça a mão da criança, retorno a uma remota verdade perdida. A mão da criança sobrepõe-se ao mundo, e encontrar a inocência é encontrar a verdade. Luz é a criança quando sorri: o Outro é menino e por sê-lo é Deus.

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro. Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava. Ele é o humano que é natural, ele é o divino que sorri e que brinca.

Eterna criança em um mundo caduco. Risco e perigo na luz do sorriso do Outro. O quarto em Lisboa escurece, mas o Outro é brilho avesso ao cansaço da Hora. O poema que virá é como véspera de verão: calor sentido antes do sentir. A poesia nasce à espreita dessa verdade que não é afirmação, só promessa de caminho para a volta à casa. Em 1914 os caminhos se emaranharam e só há possibilidade de seguir em frente com a memória de um rígido conhecimento que impede esquecimentos e reinvenção.

A recordação é uma traição à Natureza.

1914 é memória da fugacidade da vida e a solidão do homem que se dissociou da natureza e de si mesmo. Onde mora o homem? Angústia de não poder esquecer o caminho e reencontrar a criança que é a única chance de evasão do tédio do mundo.

Porque a natureza de ontem não é a natureza. O que foi não é nada, e lembrar é não ver.

Voltar para casa... Percebe que agora sabe melhor do seu desamparo e do seu vazio porque o Outro o sacode e implora para que perca o medo e a indecisão. Lembra-se dos seus adiamentos, da suspensão e da pausa constante que é a sua vida. Poeta inútil porque teve medo da escrita que não veio, mas que sempre esteve lá – no exílio da infância, na perda dos que amou, na casa ameaçada pelo pavor das trovoadas, em Durban, no fracasso permanente no agir... Poeta do medo e da hesitação salvo pelo Outro que dele se desprendeu para ser o Mestre, o resgate de si mesmo, fragmentado em vozes corajosas que pertencem ao medo transformado. Medo transcendente que é a coragem de ser poeta, de ser Outro, de ser menino, de ser inexperiente, de fazer do gesto de arte por si só um ato de fé.

⁴⁸ Ibidem, p. 63.

⁴⁷ OSAKABE, op. cit., p. 158.

E a criança tão humana que é divina é esta minha cotidiana vida de poeta, e é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre.

O outro é o seu rosto que ficou perdido no mar que todos os dias atravessa ao percorrer o quarto frio em Lisboa. O rosto do Outro. Matéria dos seus desatinos, louvação do *nonsense* e da loucura. O rosto do Outro é *nítido como um girassol*. Rosto jovem, pele translúcida como a dos profetas idealizados. E os olhos? Azuis, profundos e que sorriem. O sorriso do Outro não está no movimento da boca fina, de um rosa pálido. O sorriso do Outro tem lugar nos seus olhos. Ele é o menino e o menino é Ele. 49

A Criança Nova que habita onde vivo dá-me uma mão a mim e a outra a tudo que existe e assim vamos os três pelo caminho que houver, saltando e cantando e rindo.

De repente, como uma premonição que se sabe já ter acontecido, dá-se conta de que o Outro terá vida breve. Mestre de um tempo próximo ao sem tempo, senhor de todas as sensações, cultuador de uma natureza resgatada no seu sentimento puramente objetal da vida. Deus em meio aos deuses de todas as eras. Humano em meio à humanidade e à sua perenidade. O Outro é a espera da poesia que é o Universo, chão do seu quarto.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas no degrau da porta de casa, graves como convém a um deus e a um poeta, e como se cada pedra fosse todo um universo.

Sabe a verdade. Os dois, ele e o Outro se aproximam em um abraço de entendimento e de despedida anunciada. Salvador e Mestre dele e do mundo. Percebe que não pode demonstrar sofrimento e dor pela brevidade desse encontro. Estar à altura do Outro é superar o sentimento da efemeridade⁵⁰ e chegar à inocência apaziguadora da natureza. Ser o que se é, sensação intocável de estar no mundo pela primeira vez.

Passo e fico, como o Universo.

A Hora é da poesia. Papéis surgem pela magia do momento e para a artesania poética. Quase nada resta dele. A potência é do Outro. A destruição do EU é a forma de encontrar passagens. Estreitas passagens, mônade fechada em si mesma. Passagens escavadas na

⁴⁹ Ibidem, p. 164.

⁵⁰ Ibidem, p. 169.

cegueira da Hora que quer abertura para o fazer poético. 1914 é data sem passagem, sem trilha. Cegueira total a dar opacidade às coisas. Duplicar-se, hibernar consciência e ceder ao Mestre, ao devir-Outro. Incerteza e imprevisível em contraste com as ideias prontas e encaixotadas: pastorear as palavras que estão em cima do monte verdejante da poesia por nascer. O quarto é o espaço da espera. Espera que não tem desejos nem esperança. Decifração do mundo, sem adornos, sem adjetivos. ⁵¹

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem, mas como quem sente a Natureza, e mais nada.

A atmosfera do quarto se adensa. Lisboa anoitece para dar quietude ao gesto que está em suspenso. O gesto de arte está sempre suspenso pela dramaticidade do seu próprio ato. Desaprendizagem e assombro. Risco e violência. O poema enche o ar com a sua força latente. A data é 1914, mas há algo de mais perturbador que espaço e tempo nos céus de Lisboa. Desordem no quarto. Silêncio na data.

Levanta-se cambaleando. É ajudado pelo Outro que também bebeu vinho verde das aldeias, mas este se transformou em sangue. Ele é torpor. O Outro é vigor. Diferenças no duplo que se impõem no desregramento do qual o uno nunca foi senhor: "Eu sonho e por detrás da minha atenção sonha comigo alguém. E talvez eu não seja senão um sonho desse alguém que não existe." O sonho? Elixir de uma outra vida. O Mestre está pronto para uma mensagem de frescor. Não importa 1914. A data do poema que está por vir é outra. Os deuses sabem e ainda estão presentes. Presença e uma palavra-tempo a ser destruída: 1914. Estilhaços do dia estão por toda parte – nele e no Outro, no chão do quarto, nos lençóis amassados, na cama vazia e, principalmente, na cômoda alta onde repousa o botim que são papéis em branco a esperar. Sobreviver apenas para ser o Outro, criança eterna a experimentar a vida como novidade destemida, sem precisar de Deus.

Não acredito em Deus porque nunca o vi. Se ele quisesse que eu acreditasse nele, Sem dúvida que viria falar comigo e entraria pela minha porta dentro dizendo-me, Aqui estou!

Quer se recompor. Olhar o Outro na sua última entrega. A Hora da poesia é liberdade e devastidão. Ambiguidades que sabem da fúria da alteridade, da tese e da antítese. Lembra-se

⁵² PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Introdução e organização de António Quadros. Sintra: Publicações Europa-América, 1985, p. 28.

-

⁵¹ CASTELLO, Josué. "Alberto Caeiro: o pastor para o século XXI." In: *A literatura na poltrona*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 88.

de Antero de Quental, poeta da sua solidão juvenil, e recita, com o resto que ainda conserva de voz. O Outro escuta e seu rosto é incendiado pela Hora que já se instalou:

Já não sei o que vale a nova ideia, Quando a vejo nas ruas desgrenhada, Torva no aspecto, à luz da barricada, Como bacante após lúbrica ceia!

Sanguinolento, o olhar se lhe incendeia... Respira fumo e fogo embriagada... A deusa de alma vasta e sossegada Ei-la presa das fúrias de Medeia!

Um século irritado e truculento Chama à epilepsia pensamento, Verbo ao estampido de pelouro e obus...

Mas a ideia é num mundo inalterável, Num cristalino Céu, que vive estável!... Tu, pensamento, não és fogo, és luz!⁵³

Medeia e o gesto poético. Loucura e desarmonia sem medo de castigo. Medeia e a emoção descontrolada. Sem palavras, o gesto do absurdo extremo. A poesia é sempre o absurdo extremo que não aceita contenção. Crime contra si mesma, paixão em desatino. A Hora é punhal no muro do mundo. Medeia e o rosto transfigurado, sem consolação. Ele está, definitivamente, morto. Só o Outro resiste. É potente para suportar o "jamais visto". Todo poema é o quarto em Lisboa. Sempre estivera lá. Desde os gregos inventados, desde os deuses adorados, desde a infância dividida entre brinquedos e rimas tristes. O Outro e o poema sempre estiveram lá como o mito que se perpetua na oralidade de sua existência, como Medeia, síntese da destruição e da redenção. O Outro não se intimida. Sabe da profecia que só nele mora.

Se eu interrogasse e me espantasse não nasciam flores novas nos prados nem mudaria qualquer coisa no sol de modo a ele ficar mais belo...

Homem dividido no quarto cheio de espelhos. É 1914 e a indiferença impera: Medeia e a paixão estão mortas. Só há luz no quarto em Lisboa, mesmo ao anoitecer. Balé de contrários, a dimensão da vida se amplia. Há o Outro, guardador de rebanhos, protetor dos pensamentos que ainda não foram tocados pelo pensar. Pensamentos livres como a natureza

⁵³ QUENTAL, Antero de. "Tese e antítese." In: BERARDINELLI, Cleonice (Org.). *Cinco séculos de sonetos portugueses de Camões a Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013, p. 91.

que mora além da paisagem. Natureza que é poder e força em sua fugidia aparição. Aparição indisciplinada e pagã: "O conhecimento revelado só tem por objeto a obediência." 54

> Num meio-dia de fim de primavera tive um sonho como uma fotografia. Vi Jesus Cristo descer à Terra. (...) Tinha fugido do céu.

Fugir do céu e ser homem ao sol. Ar puro que enrijece os músculos e estabelece contato com a verdade, sem superstições. A poesia é sacrifício no altar da data. 1914 é a crueza do real, sofrimento de um Cristo pregado eternamente na cruz. Eternamente inacessível no sofrer divino que quis ser humano ou do humano que quis ser deus. A poesia que quer irromper não tem pretensões. É luz por si mesma. Criança que chama pelo nome aos homens que querem rir, brincar e habitar o mundo com simplicidade e nada mais.

> Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver, invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens perante as coisas, perante as coisas que simplesmente existem.

Compreender o natural como natural por meio da arte!⁵⁵ O natural que possa se opor à rigidez do conceito de cultura. 1914 é o tempo da cultura e dos catálogos. Todos os homens rotulados e analisáveis. Autópsia permanente da nossa humanidade morta. O Outro assume a vertigem e o seu riso franco inunda os quatro horizontes. Um riso inquietante e desestabilizador. Um riso de bárbaro que não quer sobreviver à cultura.⁵⁶ Demolidor e perfeito, marca da vida diante da queda e das trevas. 1914 e suas fronteiras de proteção. O Outro e os fragmentos de um sonho que toma corpo no fim da identidade do sujeito e da univocidade da palavra. O Outro que, ao mesmo tempo que ameaça, tem os olhos fixos nas novas combinações, em uma experimentação sinestésica da vida, sem culpa ou renúncias pelo paraíso. O Outro é o paraíso. Bárbaro sem armadura, mas poderoso na palavra que guarda em si como presença do passado no presente. Presença que não é fato, mas promessa anterior a iluminar o que está para acontecer.

Toda poesia vem dessa promessa que poderia ter-se perdido para sempre, mas que a coragem do Outro resgata e, assim, já não é passado, e sim presente atualizado.

> Assim é a acção humana pelo mundo fora. Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos; e o sol é sempre pontual todos os dias.

 ⁵⁴ SCALA, André. *Espinosa*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 72.
 ⁵⁵ CELAN, op. cit., p. 177.

⁵⁶ Ler "Experiência e pobreza" em: BENJAMIN, op. cit., p. 128.

O quarto é ateliê na penumbra, espaço privilegiado de tintas impensadas e de uma miríade de palavras sussurradas pelos deuses que flutuam acima da cabeça do Outro. Os passos em direção à cômoda alta são cortejo de pitonisa que antecede a revelação.

Vão os dois, ele e o Outro, para o enfrentamento da única saída vislumbrada. Noite em Lisboa, noite no mundo. Há profundidade e reverência. O Outro demiurgo em sua experiência humana. Ele, o homem debilitado pela divisão, apelo de morte e de vida. Ambos diante do papel em branco sobre a cômoda: "Nada se assemelha tanto ao amor como a paixão de um artista dando início ao delicioso suplício do seu destino de glórias e infortúnios, paixão repleta de audácia e timidez, de crenças vagas e desânimos inevitáveis."57

Ele, tão frágil em sua juventude de 25 anos. O Outro, sem idade, a lhe coroar os sonhos e a guiar sua mão desconhecida. Sente sua respiração por trás, como anjo da guarda da sua infância, agora Mestre e guia. Sente as mãos obedecerem ao comando que dele não vem. Vem de trás. O quarto escuro, iluminado pelas palavras que grudam no papel. Não é escrita, é dança. Palavras que são paisagens. Palavras que são todas as sensações reunidas. Palavras que não são dos homens, e sim de sua mais preciosa e instável inconsciência – lugar de arte sem grilhões, sexo para onde converge toda a criação ao contrário, chão escorregadio e pantanoso, prazer e horror juntos como força de prosseguir. Poesia na sua concepção de dor e dilaceramento. A Hora é parto. A Hora é criação.

No parapeito da janela entreaberta apoia o braço. Acende o último cigarro, mas é o Outro que expele uma fumaça vaga e imprecisa. Segura o lápis, grafite encantado. O Outro insiste em seus impossíveis caminhos para a salvação. Vira-se e ainda tenta argumentar: – Há tanto perigo na poesia que se coloca além da data! Risco na linguagem que se inscreve e no mundo que funda! Memória além do tempo, data que se liberta do destino da história! Ele sente medo da autonomia do pensamento do Outro que não quer pensar. Quer sentir e experienciar o início, o embrião, a ingenuidade da primeira vez... 1914 é o desgaste da repetição, negação da natureza. O Outro insiste e quer alcançar outrem que está pronto para ser liberto. A outrem que espera ser alcançado é dedicado o poema. ⁵⁸ O poema sabe da sua Hora chegada e afirma-se à beira de si mesmo.⁵⁹

Ele e o Outro na vivência do poema que é solitário. Submetidos a ele, o poema em gestação. Encontro impossível de hora marcada. O poema é partilha de uma emoção que se dirige para o que está fora, para, em sua exterioridade, encontrar a palavra transformadora do

 $^{^{57}}$ BALZAC, Honoré de. *A obra-prima ignorada*. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 6. 58 CELAN, op. cit., p. 178.

⁵⁹ Idem.

mundo, para dentro. Poema feitiçaria que perturba o céu de Lisboa, poção mágica que perfuma o quarto e desdobra Ele em Outro. Poema com direção firme e natural para outrem. 1914 é data esmaecida pelo poema que virá. Gesto de catástrofe e interrupção. O mundo assolado por inúmeros sóis, movimento de rotação e translação alterado. Poesia a desviar o curso dos rios que se perdem do mar. Não mais haverá destino certo e conhecimento inabalável. Poesia, perturbação e desconforto. Barbárie criativa a renominar coisas e seres. Pensamentos soltos como mariposas a tocar, perigosamente, o calor da luz.

Ele e o Outro debruçados sobre a cômoda alta, madeira envelhecida de cujos veios saem palavras aladas que se deixam capturar no branco do papel. Captura que experiencia a natureza e pastoreia a humanidade, conduzindo-a para longe do pecado original, da culpa sem dano, da expiação sem crime. A poesia que se acerca da cômoda alta é transgressão e prazer. Natureza recuperada em sua visão e destino. Mas não só a natureza deve se tornar visão, é preciso que o homem se torne natureza. 60 Natureza e sua liberdade. Liberdade eterna que é também de não ser liberdade, de não ser sujeito. Deus é livre para não ser Espírito, mas também é livre para ser natureza.⁶¹

Pela primeira vez ele entende o sentido da sua vida: a liberdade de ser Outro ou Outros é a mesma liberdade que o aproxima da natureza. Pensa em sua vida e como se afastou do absoluto, do mistério. Tem 25 anos e nunca teve só 25 anos. Não existe esse tempo em separado. Não existe o rosto que, diariamente, o iludiu como sendo ele. Ele nunca saberá de si. Ele são tantos! O Outro finalmente se reconhece no exercício de sua essência. Liberdade que se firma no peso do reconhecimento e da aceitação de Outros em si. Absoluto, mistério e poesia como redutos dessa compreensão. Gesto de arte a dar significado à vida. Tem 25 anos e nada é tão grandioso como não ter idade. 1914 não atinge o absoluto nem a natureza, porque insiste em ser 1914.

A urgência é da Hora. O Outro é a sua estranheza. O poema é a estranheza da estranheza. Aquele que não compreende a arte como estranhamento nada compreende da arte.62

O Outro volta a sorrir e vive agora plenamente o seu estranho ser. Inconsciente que se libera e chama pelo nome o que jamais existiu. Poesia que sempre será enigma, que, se descoberto, a tudo destruiria. A existência do enigma é a garantia da vida dos homens. 1914 é

⁶⁰ MERLEAU-PONTY, op. cit., p. 77.⁶¹ Idem.

⁶² Ver a Teoria estética de Adorno.

conhecimento que reverencia a si mesmo, ou seja, bruta ignorância. A poesia é o poeta que é Outro... Mistério que salvará o mundo e devolverá aos homens o seu pasmo essencial.

A escrita é ave solta. A dança das palavras que ainda não são versos, são desígnios dos deuses. O cigarro apaga-se entre seus dedos sem interromper a mágica arte. No céu de Lisboa vê-se uma estrela cadente. Lisboa é o mundo. 1914 nunca existiu... A poesia, sim, é vida para sempre. Assim falou o Mestre:

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr do sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego Porque é natural e justa E é o que deve estar na alma Quando já pensa que existe E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Com um ruído de chocalhos Para além da curva da estrada, Os meus pensamentos são contentes. Só tenho pena de saber que eles são contentes, Porque, se o não soubesse, Em vez de serem contentes e tristes, Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos. Ser poeta não é uma ambição minha. É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes,
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos, Escrevo versos num papel que está no meu pensamento, Sinto um cajado nas mãos E vejo um recorte de mim No cimo dum outeiro, Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias, Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho, E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem, Tirando-lhes o chapéu largo Quando me veem à minha porta Mal a diligência levanta no cimo do outeiro. Saúdo-os e desejo-lhes sol, E chuva, quando a chuva é precisa, E que as suas casas tenham Ao pé duma janela aberta Uma cadeira predilecta Onde se sentem, lendo os meus versos. E ao lerem os meus versos pensem Que sou qualquer coisa natural -Por exemplo, a árvore antiga À sombra da qual quando crianças Se sentavam com um baque, cansados de brincar, E limpavam o suor da testa quente Com a manga do bibe riscado.

CONCLUSÃO

Não é na ficção nem na realidade que um poema potente surge: é no limite entre uma coisa e outra, no lugar insólito em que participam esses dois mundos. Espaço de captura, esconderijo onde a vida passa à meia-luz. Território marginal no qual é plasmado o gesto de arte. Nesse limiar tudo é possível, tudo é matéria de criação. Objetos inacessíveis, fragmentos perdidos, impossíveis sonhos, enfim, invenção que dá vida ao mundo dos homens.

Incrível que ainda se possa duvidar do vigor da Literatura como arte que concebe a vida. Mallarmé já entendia que o destino do mundo é tornar-se livro. Nós a escrever e a sermos escritos, mil personagens em uma vida curta. Fernando Pessoa cedo compreendeu que não se penetra no espaço da ficção impunemente. Arte exigente, exigiu a morte do autor para que, da renúncia de uma única vida, surgisse a possibilidade da voz do Outro.

A heteronímia é um fenômeno de coragem e revolução. Certeza de que a Literatura tem um poder enorme sobre nós. Poder de morte e ressurreição. Poder ilimitado de invenção ao nos aproximar do divino: "Todo autor é um pequeno demiurgo, inventando universos como Deus inventa cosmos."

Multiplicar-se em pessoas é desafiar toda e qualquer estabilidade. Absurdo dos absurdos do qual nasce a experiência de arte. Suicídio para dentro, poesia que brota da possibilidade de uma outra vida. Crença no compromisso em levar a criação até as últimas consequências, a ponto de transcendê-la, e, talvez, conseguir fazer dela um gesto de arte, ingênuo e potente.

A data de 8 de março de 1914 é marco na vida de Pessoa. Não por ser memória, nem história, nem biografia. É marco por talvez não ter existido como data, mas somente como ficção do nascimento de um Outro Poeta: Alberto Caeiro, o Mestre, a escrever sobre uma cômoda os versos luminosos d'*O guardador de rebanhos*. Escrita livre que é como farol em noite densa, nominando uma natureza recriada, suspensão do pensamento angustiante *de quem sou* para a recepção da afirmação inconteste de simplesmente ser.

O guardador de rebanhos é a expressão singela da experiência à margem da História, à margem do destino irremediável de 1914.

Poesia feita de pedaços vivos, habitada por afetos e emoções que são a partilha do EU do poeta no Outro dirigido a OUTREM. Ato sublime em sua missão heroica, ditando uma ética particular, a falar de coragem no gesto de arte em meio à vida ordinária, perdida nas

¹ EIRAS, Pedro. *Substâncias perigosas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 149.

repetições. Repetições são realidades malditas a aprisionar almas pelo peso da verdade e do conhecimento.

O guardador de rebanhos dá corpo à escrita como tarefa, poesia por si mesma, intransitiva e alheia aos conceitos de direção e finalidade. Poesia que é tensão entre o humano e a sua transcendência. Coragem na palavra que media com o mistério e se faz presença diferenciadora no estar no mundo.

Ir da poesia de Caeiro, o Outro, para a sua data, 1914, é aprofundar uma indagação que nada deve à visão de mundo do seu criador. "Weltanschauung" pertence a um contexto de explicações e justificativas; a poesia d'*O guardador de rebanhos* respira outra atmosfera, acentua a estranheza das estranhezas que é o gesto de arte como ato singular rumo ao encontro de si mesmo, testemunho da tarefa que quer ser cumprida com os materiais da sua própria verdade. E a sua verdade se encerra na sua particular invenção. 1914 é data; *O guardador de rebanhos* é a poesia que vai além desse encontro temporal, porém sem negá-lo.

A barbárie e o sublime colocados lado a lado em equação que não se resolve, apenas incendeia o viver dos homens, que, assim, deparam-se com a sua impossibilidade. Poesia é a impossibilidade que não tem medo de ser presença nos intervalos de uma respiração.

O que não pode ser ignorado é que em 1914, em um quarto qualquer de uma Lisboa improvável, um poeta se desdobra e adensa o mistério do EU e do OUTRO a caminho de uma poesia impregnada de luz no anoitecer do mundo. Contraponto que é também contágio.

O mistério se alia ao enigma indecifrável da existência que clama por ir além. Vaivém de sensações. Eros e Tânatos vistos não como pulsões, mas como deuses a moldar a alma complexa dos homens com atributos que fundam o destino da humanidade.

A poesia d'*O guardador de rebanhos* dita a vida para além da vida, para além de 1914. Ficção da ficção de sua data, gesto deliberado de resgate, heroísmo contra os perigos que ameaçam o enigma, ameaçando, assim, a capacidade de criar, inventar, ser deus...

Estar com o poeta, em seu quarto, na manhã fria de 8 de março de 1914, foi a única forma de honrá-lo no seu dia triunfal. É também uma forma de reflexão sobre o que somos. E o que somos? Somos gente estranha e ressabiada que acredita na poesia como motor da vida que não se bebe em copos limpos e esterilizados do saber transmitido, mas sim do gargalo de uma garrafa velha lançada por alguém ao mar. Garrafa que guarda o segredo do mundo, só revelado aos que continuam nadando sôfregos em sua direção, sabendo-a inacessível e indesvendável.

Assim, ocupar-se de poesia é estar com o poeta na sua Hora, sem preocupação com aqueles que insistem em clamar pela impossibilidade de tal encontro. Ocupar-se de poesia

70

sempre será a fala de quem teve a pele arranhada e que só arde porque há sangue que não escorre, vermelhão de ferida que lateja escondida. Ocupar-se de poesia será sempre silêncio

diante dos porquês, das explicações e retóricas frouxas.

de história.

A verdade é que foi possível estar com o poeta nos momentos que antecederam a escrita da sua poesia. Possibilidade que se atesta por um tempo que não se extingue porque não existe. Possibilidade mais real do que qualquer realidade porque não quer reivindicar ser verdade. 1914 foi tão presente como hoje o nascer do dia porque foi fluxo de pensamento, não

Nunca negaremos que foi intenso o momento que, juntos com o poeta, lemos *O* guardador de rebanhos do Mestre Alberto Caeiro, o OUTRO que será ele mesmo um dia. Parafraseando as palavras de Caeiro, esta é a estória da Hora da criação de um poema:

Porque razão que se perceba Não há-de ser ela mais verdadeira Que tudo quanto os filósofos pensam E tudo quanto as religiões ensinam? Alberto Caeiro (1914)

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. Confissões. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ARTAUD, Antonin. Linguagem e vida. Organização de J. Guinsburg, Silvia Fernandes Telesi e Antonio Mercado Neto. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BALZAC, Honoré de. A obra-prima ignorada. Porto Alegre: L&PM, 2012.
BENJAMIN, Walter. <i>Magia e técnica, arte e política:</i> ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012, v. I.
A modernidade e os modernos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
BERARDINELLI, Cleonice (Org.). Cinco séculos de sonetos portugueses de Camões a Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
Fernando Pessoa: outra vez te revejo. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.
BLOOM, Harold. <i>A anatomia da influência:</i> literatura como modo de vida. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
Um mapa da desleitura. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
BORGES-DUARTE, Irene. O tempo do cuidado e o tempo do mundo. Um núcleo conceptual heideggeriano. In: <i>Razão e liberdade</i> . Lisboa: C.F.U.L., 2010.
BRÉCHON, Robert. <i>Estanho estrangeiro:</i> uma biografia de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Record, 1998.
CAMÕES. Écloga II. In: PERRONE-MOISÉS, LEYLA. <i>Fernando Pessoa:</i> aquém do eu, além do outro. Rio de Janeiro: Martins Fontes, [19].
CASTELLO, Josué. A literatura na poltrona. Rio de Janeiro: Record, 2007.
CASTRO, E. M. de Melo e. <i>O paganismo em Fernando Pessoa e sua projeção no mundo contemporâneo</i> : ensajo hibliográfico e hermenêutico. São Paulo: Annahlume. 2011

contemporâneo: ensaio bibliográfico e hermenêutico. São Paulo: Annablume, 2011.

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. Fernando Pessoa: uma quase autobiografia. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. Fernando Pessoa: livro das citações. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CAVELL, Stanley. Esta América nova, ainda inabordável. São Paulo: Editora 34, 1997.

CELAN, Paul. Arte poética: o meridiano e outros textos. Lisboa: Cotovia, 1996.

COELHO, Jacinto do Prado. Diversidade e unidade em Fernando Pessoa. São Paulo: Verbo Editora, 1977. COMTE-SPONVILLE, André. Bom dia, angústia! São Paulo: Martins Fontes, 2010. ___. A vida humana. São Paulo: Martins Fontes, 2009. COSTA, Eduardo Freitas da. Notas a uma biografia romanceada. Lisboa: Guimarães & Cia. Editores, 1951. CRESPO, Áncel. A vida plural de Fernando Pessoa. Rio de janeiro: Bertrand, 1990. DIAS, Marina Tavares. Lisboa nos passos de Pessoa. Lisboa: Quimera, 2002. EIRAS, Pedro. Substâncias perigosas. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. FONTES, Lilian. Fernando Pessoa: a essência de um geminiano. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2013. FRANÇA, Isabel Murteira. Fernando Pessoa na intimidade. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987. FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: _____. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. . O ego e o id. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 19. GIL, José. Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações. Lisboa: Relógio d'Água, 2001. HOBSBAWM, Eric. Tempos interessantes: uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. KRAUSE, Gustavo Bernardo (Org.). Literatura e ceticismo. São Paulo: Annablume, 2005. _____. Livro da metaficção. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010. KRISTEVA, Julia. Sol negro: depressão e melancolia. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. LACAN, Jacques. Seminário XI. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. LACOUE-LABARTHE, P. A imitação dos modernos: ensaios sobre arte e filosofia. São Paulo: Paz e Terra, 2000. . Poetry as Experience. Nova York: State University of New York Press, 1999. LÉVINAS, E. Humanismo do outro homem. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. LOURENÇO, Eduardo. Fernando Pessoa revisitado. Lisboa: Moraes, 1981.

MALLARMÉ, Stéphane. Poemas lidos por Fernando Pessoa. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998. MAN, Paul de. Alegorias da leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust. Rio de Janeiro: Imago, 1996. MERLEAU-PONTY, Maurice. A natureza. São Paulo: Martins Fontes, 2006. MOISÉS, Massaud. Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge. São Paulo: Cultrix, 1998. MONTAIGNE. Os ensaios: uma seleção. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. NOGUEIRA, Manuela. Fernando Pessoa: imagens de uma vida. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. NUNES, Benedito. Hermenêutica e poesia. Belo Horizonte: UFMG, 2007. OSAKABE, Haquira. Fernando Pessoa entre almas e estrelas. São Paulo: Iluminuras, 2013. _____. Fernando Pessoa: resposta à decadência. São Paulo: Iluminuras, 2013. PAIS, Amélia Pinto. Para compreender Fernando Pessoa. São Paulo: Claro Enigma, 2012. PEREIRA, Maria Helena; FERREIRA, José Ribeiro (Org.). Horácio e a sua perenidade. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010. PERRONE-MOISÉS, LEYLA. Fernando Pessoa: aquém do eu, além do outro. Rio de Janeiro: Martins Fontes, [19--]. PESSOA, Fernando. Aforismos e afins. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. _____. *Alguma prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. . Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal. São Paulo: Girafa, 2006. _. Livro do desassossego. Introdução e organização de António Quadros. Sintra: Publicações Europa-América, 1985. _. *Obra poética*. Seleção, organização e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987. . Obras em prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. _____. Poemas completos de Alberto Caeiro. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

. Poemas de Alberto Caeiro. Lisboa: Ática, 1974.

PESSOA, Fernando. <i>Poesia I – 1902/1929</i> . Introdução e organização de António Quadros. Sintra: Publicações Europa-América, [19].
Quando fui outro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
Teoria da heteronímia. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.
Vida e pensamentos. São Paulo: Martin Claret, 1996.
Vozes da saudade. São Paulo: Vergara & Ribas, 2007.
QUADROS, António. <i>Fernando Pessoa</i> : vida, personalidade e gênio. Lisboa: Arcádia, 1981 v. 1 e 2.
RILKE, Rainer Maria. <i>Poemas</i> . Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.
RIMBAUD, Arthur. Prosa poética. Rio de Janeiro: Topbooks, 1986.
ROSSI, Paolo. <i>O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias.</i> São Paulo: Unesp, 2010.
SÁ-CARNEIRO, Mário de. <i>Poemas</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
SCALA, André. Espinosa. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
SEBBAH, François-David. Lévinas. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009.
SILVA, Luís de Oliveira e. <i>O materialismo idealista de Fernando Pessoa</i> . Lisboa: Clássica, 1985.
SILVA, Manuela Parreira da (Org.). Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
SIMÕES, João Gaspar. <i>Fernando Pessoa:</i> breve história da sua vida e da sua obra. Lisboa: Difel, 1983.
Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões. Lisboa: Publicações Europa-América, 1957.
VERDE, Cesário. <i>Melhores poemas</i> . Seleção de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Global, 2005.
O livro de Cesário Verde. Lisboa: Editorial Minerva, [19].
WERLE, Marco Aurélio. <i>Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger</i> . São Paulo: Unesp 2005.
ZENITH, Richard. Fernando Pessoa: fotobiografias. Lisboa: Temas e Debates, 2010.